

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

DA REDAÇÃO:

- Quando ensinar, como ensinar pag. 1
 O reajustamento do aparelho educacional em Minas-Gerais pag. 4

COLABORAÇÃO:

- A Vida de Jesus e o ensino do catecismo — conclusão—D. M. L. de A. Cunha pag. 9
 Autoridade—Professor Firmino Costa pag. 19
 Ovidio Decroly e sua obra—Julio de Oliveira pag. 23
 Higiene Dentaria — J. A. da Silva Campos — pag. 28

DAQUI E DALI:

- A liberdade dentro do trabalho e do ideal —Prof. Donato Eugenio da Silva pag. 34
 Aos que educam — Rosa do Vale pag. 38

NOTAS E COMENTARIOS:

- Motivação de projetos entre as crianças — A. F. pag. 40
 O ensino da Historia— Javert de Souza Lima pag. 43

TRADUÇÕES:

- A Educação das Crianças Retardadas—cap. XII— Na vida—Alice Descoedr. s pag. 44

NOTICIARIO:

- Instituto Historico e Geografico Brasileiro pag. 56
 A organização dos clubes literarios pag. 58

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO:

- Avisos pag. 56

NOSSA EXPERIENCIA:

- Excursão—D. Maria Angelica de Castro pag. 60
 As cartas das crianças—D. Maria da Gloria Guimarães pag. 63

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



Quando ensinar, onde ensinar

Deixámos, aqui, há dias, uma sugestão com o intuito de despertar o interesse dos mestres para o “que ensinar” e o “como ensinar”.

*
* * *

Vamos, hoje, examinar o “quando” e o “onde” ensinar.

O ensino é eficaz quando é oportuno, quando a disposição da criança o reclama, e quando a sua curiosidade se manifesta em perguntas como estas: porque? para que isto? para que serve? etc., etc.

Se a criança está desatenta e irrequieta é porque a lição está desinteressante e fastidiosa. Não podendo suportar o cansaço e não tendo ainda uma soma de atenção voluntaria capaz de dissimular o tédio, ela se distraí, derivando sua atividade para objéto alheios á aula.

Claro está que esse não é, precisamente, o momento de ensinar. Cumpre que o professor procu-

re atrair-lhe a atenção, vivificando sua aula, dando-lhe significação e interesse.

Erramos, frequentemente, atribuindo ao aluno o que corre, a bem da verdade, só por nossa conta. Se examinarmos com toda a imparcialidade o comportamento da criança nas aulas, veremos que êle depende de nossa atitude no desdobrar das lições. O horario escolar deve ser elastico, de sorte que não seja interrompida a lição que interessa a classe sem que se haja tirado dela tudo o que se póde tirar. O programa escolar não póde ser traçado e executado com uma exatidão inflexivel. Um e outro devem subordinar-se ás tendencias, ás inclinações, aos interesses da criança.

*

* *

O "onde" ensinar designa o ambiente em que se devem dar as lições. A imobilidade e o silencio, a carteira pregada no assoalho, e outras praticas não são indicadas para a organização de um ambiente propicio ao desenvolvimento das crianças. O ambiente deve ser, tanto quanto possivel, natural. Isto não significa, — como querem os que seguem a doutrina dos "oito ou oitenta" — se estudem as piramides no proprio Egito ou a Groelandia no polo norte. O que quer a escola ativa é que procuremos aproximar a escola da vida, colocando a criança num ambiente familiar, facilitando a sua ação, dando campo aberto ás suas atividades.

Que as provas escritas sejam feitas mediante problemas e com liberdade de informação e de pesquisa; que a geografia tenha alguma significação humana, algum sentido social e que represente uma aquisição concreta para a vida da criança.

Exigir a enumeração exáta de todos os afluentes da margem esquerda e direita de tal e tal rio; impôr o sacrificio de decorar o numero de habitantes de todos os paises: tudo isso de nada valerá á classe.

Mas, vale muito o ensino em que a criança trabalhe, aja, execute, invente, procure, pesquise, descubra, examine, critique, escolha; vale muito o ensino que ponha em função e atividade as suas energias, e "onde" sua personalidade adquira expressão, ganhe consistencia, exerça um papel preponderante.

*

* *

Queixam-se muitos de que a escola ativa anula o professor; que a sua "força moral" fica abalada; que, nesse caso, não é mais necessaria a sua presença na escola. Alegam as mil e tantas dificuldades que a escola ativa "lhes" acarreta.

A unica dificuldade séria que a escola ativa opõe aos professores é, simplesmente, o estudo. Não é possivel a organização de uma escola digna desse nome sem que o mestre procure examinar os seus alunos, atender a seus interesses, respeitar sua liberdade.

Não é possível que a escola ativa possa merecer a atenção dos que ignoram os meios humanos de obter a disciplina escolar e os meios científicos de obter um ensino proveitoso e útil.

*
* *
*

E' aconselhavel, por isso, que consideremos bem nos problemas que propomos hoje á consideração e ao exame de nossos colegas:

Quando ensinar? Onde ensinar?

O reajustamento do aparelho educacional em Minas-Gerais

Exposição de motivos com que o sr. Noraldino Lima, secretario da Educação e Saude Publica justificou o regulamento modificando dispositivos da legislação do ensino primario e normal:

Senhor Presidente.

O presente decreto, que tenho a honra de submeter ao exame e aprovação de V. Excia., não tem intuitos de reforma.

Abraçando, em suas linhas gerais, o ensino primario e o normal, as novas disposições modificadoras dos respectivos regulamentos visam tão sómente a reajustar umas e consullar outras peças do aparelho educacional ora em funcionamento para execução da reforma do ensino realizada em boa hora no Governo Antonio Carlos.

Algumas dessas modificações são o fruto da experiencia na applicação dos textos regulamentares; resultam de despachos dos secretarios incumbidos da administração do ensino, uns lançados em requerimentos como interpretação de dispositivos dúbios, outros alterando a letra expressa dos regulamentos que, de resto, como organismos vivos que são, não podem, muitas vezes, na pratica, manter a inflexibilidade e rigidez incompatíveis com as realidades da escola; de observações que a propria Secretaria da Educação, pelo zelo de seus directores e funcionarios, faz diariamente através da massa de

papeis, que vem ter á repartição, dos milhares de casas de ensino do Estado; das sugestões que pedi a técnicos da instrução, cujas opiniões solicito sempre com sinceridade e acato com prazer, pois reconheço ser impossivel encontrar fóra de Minas um corpo de professores mais competente, dedicado e mais cheio, do que o nosso, dessa alta e nobre consciencia de suas funções; dos pareceres e votos, enfim, do Conselho Superior da Instrução, cujos membros — dou testemunho — agem sempre com absoluta superioridade, como juizes, no exame e no julgamento dos processos que lhe são distribuidos.

Outras modificações apresentadas — permita Deus sejam passageiras — são introduzidas agora na legislação escolar em consonancia com o orçamento restrito imposto á Secretaria a meu cargo pelas prementes circunstancias financeiras que ainda nos assoberbam.

Modificações há, finalmente, no decreto ora submetido á apreciação de V. Excia., que traduzem pontos de vista da actual direcção do ensino em nosso Estado: são idéas e esperanças que, se as condições do erario mineiro o permitirem, terão realidade, como complemento da reforma em execução — obra de cultura e de patriotismo que V. Excia. confiou generosamente ás minhas mãos em horas de tão graves dificuldades.

No trabalho que ora submeto ao esclarecido julgamento de V. Excia. está fixado o meu exclusivo desejo de bem servir á causa do ensino em nosso Estado. E' assim que, na parte relativa ao ensino primario, fica regulado o provimento de cargos de assistentes técnicos, estabelecendo-se um criterio que harmonize os interesses do ensino, que tanto precisa da colaboração desse aparelho fiscalizador, com as condições pessoais dos que se encontram á altura de desempenhar o cargo. Está provado que a exclusividade da assistencia técnica autorçada pelo regulamento em vigor ás professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento se torna inexecutable diante da realidade dos fatos, tão precaria é ainda a situação da mulher, obrigada, no desempenho daquelas funções, a penosos sacrificios no interior mineiro cujas condições de meio dificultam, do ponto de vista da locomoção, sobretudo, a livre acção da assistencia no exercicio de seu dever.

A criação de um organ tecnico na Secretaria da Educação, nos moldes do que proponho no art. 163, é uma providencia indispensavel á execução plena da reforma do ensino em Minas-Gerais.

A actual secção técnica da Secretaria, dado o volume de seus serviços e em que pese a boa vontade e inteligencia com que os seus funcionarios se devotam no cumprimento das atribuições que lhe são incumbidas, não dispõe de tempo para se pôr em correspondencia com as altas necessidades da educação neste momento, já pelo exame tecnico do trabalho a ser desenvolvido no campo do ensino, já pela orientação que precisa ser dada a esse mesmo ensino quanto á marcha da reforma.

Propondo ao Secretario da Educação e ao Inspector Geral da Instrução as medidas, sejam de aplausos, sejam de correção punitiva necessaria ao trabalho, o corpo tecnico da Secretaria servirá de ligação entre a alta administração do ensino e os que o realizam no Estado.

Quanto ás directorias de grupos escolares, tão disputadas não raro por aqueles a que faltam atributos de ordem técnica para o

exercício do cargo, o dispositivo que submeto á aprovação de V. Excia. me parece o unico justo e oportuno: só será diretor de grupo quem tiver feito carreira no magisterio primario e, em exercicio ativo no momento da nomeação, der, pela porta larga do concurso, provas iniludíveis de sua capacidade para a occupação de tão relevante cargo.

Segm a exigencia de solido preparo tecnico por parte dos diretores de estabelecimentos primarios, não teremos tão cedo uma reforma integral dos metodos e processos pedagogicos que assegurem a Minas papel de destaque definitivo entre as demais unidades federais.

Coerente com este pensamento, procuro, por outro lado, oferecer os beneficios da Escola de Aperfeiçoamento aos atuais diretores de grupos afim de elevar-lhes o nivel de cultura pedagogica indispensavel á direcção do ensino.

Dado o conhecimento direto que tenho da dedicacão e entusiasmo do professorado mineiro pela maior eficiencia e crescente grandeza do ensino em nossa terra, posso afirmar a v. excia. que o curso completo da referida Escola para os atuais diretores que possam permanecer dois anos em Belo-Horizonte ou o curso de férias para aqueles cuja situacão de familia não lhes permita fazê-lo, darão excelente resultado, compensando largamente o Estado do sacrificio pecuniario que fizer para a consecucão de tão avançado objetivo.

De modo geral, e para não alongar muita esta exposicão, dezo dizer a v. excia., no tocante ainda ao ensino primario, que:

1.º) a modificacão regulamentar ora alvitrada vem fixar, entre nós, o magisterio primario de carreira, ficando assegurado ao professor, mediante provas de idoneidade tecnica e moral, o acesso natural na sua profissão, sem outra intervençã que não seja a do exclusivo merecimento;

2.º) estabelecer-se, doravante, melhor distribuicão do trabalho escolar, definindo e fixando as distribuicões de diretores, auxiliares destes e professoras técnicas, no sentido de discriminar e harmonizar as funções ligadas aos respectivos cargos;

3.º) respeitadas todas os direitos adquiridos, são traçadas novas normas de justiça para provimento dos cargos do ensino em geral e, particularmente, para os de professoras de trabalhos manuais, desenho e modelagem, os das classes anexas ás escolas normais e outros, conferindo-se legitima prerrogativa ás professoras diplomadas por escolas normais de 2.º gráu;

4.º) regulariza a admissão no ensino, em Minas, de normalistas diplomadas por escolas de outros Estados;

5.º) modifica o regimen dos exames, substituindo estes, medida que se estende tambem aos estabelecimentos normais, pelo sistema aconselhado de provas parciais realizadas com segurança de fiscalizacão durante o ano letivo;

6.º) melhora a situacão das Caixas Escolares, instituicões de tão grande projecão na vida do estudante menos favorecido da fortuna;

7.º) estabelece para o ensino de modelagem, trabalhos manuais e sobretudo do desenho didatico, perspectivas mais amplas e de todo ponto justificadas pela pedagogia moderna;

8.º) estende, finalmente, favores e vantagens, de que até agora se beneficiavam somente os funcionarios efetivos interinos, contratados por titulo e estagiarios, reconhecida de justiça a igualdade de

de todos, uma vez sejam igualmente bons, no serviço permanente da educacão popular. Não menos imperiosas, a meu ver, se tornam algumas modificacões do ensino normal.

Eis porque, entre outras, proponho a v. excia. as modificacões, que reputo substanciais, quando á regulamentacão: da pratica profissional, das turmas suplementares, das bibliotecas, da matricula nos diversos cursos normais, das promoções, da concessão de férias especiais, da jubilaçã dos alunos e da gratuidade na admissã destes. As razões das medidas propugnadas são obvias de tal modo que me fôro ao dever de aduzi-las.

As novas disposicões que regerão o ensino normal alteram tambem a organizacão das escolas, quer no tocante á distribuicão das cadeiras do curso, o que se faz, quer no intuito de estabelecer maior contato entre professores e alunos — providencia tão necessaria á escola nova — quer no que se refere á organizacão propriamente dos cursos.

E' assim que as atuais escolas do segundo gráu, cuja existencia vai periclitando, ficam aparelhadas, por uma simples mudanca de programa, a expedir tambem diplomas do 1.º grau. Devo reafirmar a v. excia. que, por convicção, não sou dos que aceitam como a melhor a classificacão dos professores primarios conforme o gráu das escolas que os diplomam. A expedicão de diplomas de gráus diferentes crea, não raro, uma situacão moral de tal ordem para os seus portadores do 1.º gráu, que os Governos, esquecendo as atuais prerrogativas ligadas aos do 2.º gráu, jamais distinguiram entre uns e outros.

Fiz organizar, por isso, um plano de unificacão de nossas escolas; mas as dificuldades financeiras do momento impedem a realizacão dessa idéa, porquanto sendo em maior numero as escolas normais de 1.º gráu, ou teriamos que nivelar neste todas as escolas oficiais, e seria mutilar nossas conquistas nesse ramo do ensino, ou teriamos que as elevar ao 2.º gráu, o que é impossivel, dado o aumento decorrente de despesas.

O tipo unico intermediario tornou-se igualmente inviavel diante da situacão do Tesouro.

Coerente com este pensamento, procuro, por outro lado, oferecer os beneficios da Escola de Aperfeiçoamento aos atuais diretores de grupos afim de elevar-lhes o nivel de cultura pedagogica indispensavel á direcção do ensino.

Procurarei, pois, manter a atual divisã em graus, creando, entretanto, para umas e outras, melhores condições de vida e de eficiencia não só garantindo, de fato, e ampliando ás normalistas do 2.º grau as preferencias a que devem ter direito nos postos do ensino, mas assegurando tambem, aos candidatos aos cursos do 1.º gráu mais facilidade para obtençã de seu diploma.

Outro aspecto do ensino que está requerendo a atencão do Governo, e para o qual as novas disposicões encontram soluçã, é o regime de equiparacão das escolas particulares. Consoante disposicões vigentes, as escolas particulares só podem ser equiparadas ás oficiais do 1.º gráu, o que me parece pouco, de vez que o nivel de cultura do professorado é que nos deve preocupar na soluçã do problema da educacão. A meu vêr, tudo se cifra ao modo de fiscalizacão: exigida esta e ampliada á de psicologia a facultade que o Governo se reserva de nomear os professores das cadeiras basicas de curso de aplicacão, parece-me, como fica expresso nas presen-

tes disposições, que pôde ser concedida a equiparação das referidas escolas às oficiais do 2.º gráu.

Outras modificações são ainda introduzidas no regulamento normal, entre elas as que dizem respeito a um razoável aumento de autonomia à ação dos diretores no exercício de seus cargos, ao espírito de cooperação que deve dominar a escola nova e, no que concerne à Escola Normal de Belo-Horizonte, tida como modelo, a reorganização por que ela passa, quer na parte administrativa, quer na técnica, afim de justificar-se de modo pleno aquele qualificativo.

Tenho também a honra de propugnar nas disposições que submeto à consideração de V. Excia.:

1.º) A criação de uma escola ao ar livre para debéis: seria o primeiro passo para a assistência de que precisam milhares de jovens humanos que definham por aí além, a míngua de tudo, porque as deficiências orgânicas, congênitas ou determinadas pela carencia de recursos materiais, são portas abertas, pari-passu, às deficiências espirituais que geram os parasitas da sociedade.

2.º) A formação de um parque escolar, para comemorações coletivas, paradas, ponto de socialização, enfim, tão necessário à escola nova.

3.º) A construção de nossa primeira praça desportiva para a mocidade escolar e extra-escolar, a exemplo, desses maravilhosos campos de educação física de que anda cheio o mundo civilizado, deixando o Brasil tão mal situado entre as nações que, na America, se preocupam com a beleza e resistência da raça.

4.º) A fundação de uma escola domestica, que seria a primeira oficial de Minas e uma das poucas da felicidade do lar, porque é nesse tipo de escola que se ensina a economia, a hygiene domestica, e, portanto, a ciencia da alegria, do conforto e da saude, tão caros à existencia.

5.º) A instituição do ensino técnico mal esboçado, sinão inexistente nas escolas oficiais, e tão necessário à iniciação profissional em outros campos de atividade, fóra das letras, além do que se refere à educação das mãos, indispensavel a todo homem que precisa desenvolver e cultivar os sentidos, notadamente o tacto, o mais importante talvez de todos, seja qual fôr a profissão a ser abraçada na luta pela vida.

6.º) A organização da Biblioteca e do Museu Pedagogicos — centros de cultura e de estudo do professorado, sempre cheio da sagrada vontade de saber e nem sempre dispondo de recursos para aquisição de livros e aparelhos necessários ao exercicio da intelligencia.

São estas, sr. Presidente, entre outras, as idéas de ordem pratica que me permiti incluir nas disposições deste decreto. Praza aos céus possamos realizá-las. Sinão, fique ao menos ressalvada a boa intenção de quem as propõe.

De V. Excia. dirá sempre o povo mineiro, com abundancia de justiça, que soube manter o aparelho do ensino — montado em ser acionado, em toda a terra mineira, com o mesmo espirito e a mesma eficiencia, bastando afirmar que, para a Secretaria da Educação e Saude Publica, em 1931, foi pedida a verba de 78.000:000\$000, tendo ela funcionado com 36.000:000\$000, cifra fi-

xada para todos os seus serviços. Para tanto não contribuiu apenas o espirito de rigorosa economia que dominou a administração: fez-se sentir, também, paralelo, o sentimento da cooperação e a capacidade de sacrificio do professorado mineiro.

Certo de que poderei ainda contar com o mesmo devotamento de tão valerosos colaboradores, espero que V. Excia., cuja orientação sempre firme e prudente, e cujos conselhos sempre esclarecidos e inspirados jámais me faltaram, não deixará de assistir à minha ação e encaminhar o meu espirito para o serviço do Estado neste departamento da administração publica.

Belo-Horizonte, 31 de maio de 1932. — NORALDINO LIMA.

A VIDA DE JESUS E O ENSINO DO CATECISMO

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

por D. MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA.
(Conclusão)

14.ª LIÇÃO

A Eucaristia.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Repetimos hoje as palavras do apóstolo São João, porque vamos ainda tratar do mesmo assunto: Jesus na Santa Eucaristia.

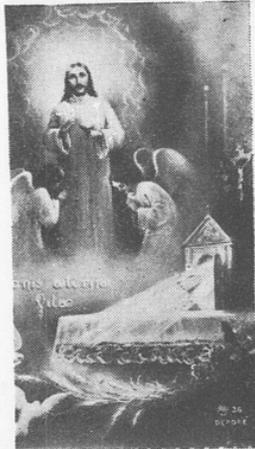
Narrativa

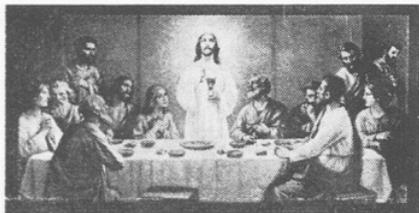
Foi na vespera da sua morte que Jesus operou pela primeira vez este milagre.

Durante a sua vida publica, Jesus tinha feito muitos milagres: por duas vezes multiplicou o pão no deserto; acalmou as tempestades; perdoou os pecadores e resuscitou os mortos. Tudo isso fizera para provar aos homens que os amava, que era Deus; entretanto, apesar de tudo isso, os judeus contemporâneos de Jesus não acreditaram nele e o condemnaram a morrer na Cruz.

Dogma — Jesus instituiu a Eucaristia

Jesus, que conhecia todo o Futuro, porque é Deus, teve pena de





nós que havíamos de ficar tão desamparados na Vida se Ele permanecesse sómente no Céu...



Para que isto não acontecesse, instituiu a Sagrada Eucaristia.

Na 5.ª feira Santa, vespera da sua morte, na ocasião da ultima Ceia, que tomou com seus Apostolos, "Ele tomou o Pão entre suas mãos e o transubstanciou em seu Corpo; tomou o vinho e o transubstanciou em seu Sangue e os deu a seus Apostolos, dizendo: "Tomai e comei: isto é meu Corpo; tomai e bebei, isto é meu Sangue" e disse aos Apostolos: "Fazei isto em memoria de mim".

Com estas palavras Jesus deu a todos os sacerdotes o poder de celebrar.

A presença real de Jesus na Eucaristia

A Eucaristia é Nosso Senhor, Deus e Homem escondido sob os accidentes ou apparencias de Pão e de Vinho.

Uma hostia tão pequenina esconde o Deus infinito. A brançura do trigo sem uma cintilação esconde os fulgores da Divindade. . . .

Hostia é Pão antes de ser consagrada.

O Pão não tem vida, mas pelo poder das palavras sagradas as suas apparencias occultarão o Autor da Vida!



Pratica piedosa

Reverentes como os reis Magos diante do Menino Jesus em Belém, devemos prostrar-nos e adorar a Hostia Consagrada.

Só o amor infinito de Deus suportaria occultar-se sob as apparencias inanimadas de um pedacinho de Pão!...

Adoremos!...

15.ª LIÇÃO

A alma pura — Berço predileto de Jesus

Evangelho

"Não, Eu não vos deixarei orfãos, Eu virei a Vós". (São João).

Estas palavras são de N. Senhor. Ele as disse depois da ultima Ceia. Jesus sabia que ia morrer na Cruz, no dia seguinte, ás três horas da tarde. Aproveitou aquella ultima reunião com seus Amigos para lhes fazer as suas recommendações, para confirmar o que já lhes havia tantas vezes ensinado e deixar-lhes palavras cheias de consolação.



Jesus alimenta nossa alma

Jesus não instituiu a Eucaristia só para permanecer no altar frio e aí receber as nossas visitas e ouvir nossas orações.

Porque terá Jesus escolhido as apparencias do Pão para esconder a sua gloria na terra? Entre outras razões, para significar que Ele quer ser o sustento da nossa alma, assim como o pão é o alimento para o nosso corpo.

O ato de receber Nosso Senhor sob as especies do Pão chama-se comungar.



Devemos comungar, porque Jesus nos ama. Jesus, pela comunhão, nos comunica a sua vida e nos torna melhores.

O maior desejo de Jesus é que fiquemos sempre unidos a Ele, e o meio mais eficaz para isso é a Santa Comunhão.

Pio X decreta a comunhão precoce

Jesus, que tanto acariciou as crianças quando esteve na Terra, instituiu a Eucaristia para morar no coração puro das crianças de hoje. Tanto é assim que o seu representante na Terra, o Papa Pio X, deu ordem para que as crianças nos saam comungar frequentemente.

Precisamos gostar muito de N. Senhor para, que ao descer à nossa alma, Ele não encontre a frieza do altar.

NOTA — (Ensinar-se-á o Pecador).

Estudemos a vida de Jesus para melhor o conhecer

Que Ele encontre, em vez disso, um coração cheio de amor e de desejo de O conhecer.

Alma pura! é o berço predileto de Jesus. . .



16.ª LIÇÃO

Necessidade de purificar a alma para Jesus

Narrativa evangélica

Antes de instituir a Eucaristia, Jesus deitou água numa bacia e começou a lavar os pés de seus



disse: "Não consentirei que me laveis os pés". Jesus respondeu "Se não te lavar, não terás parte comigo. (São João. Cap. XIII). discípulos e a enxugá-los com a toalha. Chegou a Simão Pedro. Este disse: "Como, Senhor, Vós me laveis os pés?"

Jesus lhe disse: "O que faço não o compreendes agora, mas o compreenderás depois". Pedro

Guardem bem estas palavras de N. Senhor, que contém um ensinamento indispensável para quem vai comungar.

Jesus diz claramente que é preciso estar puro para recebê-lo. Além disso, devemos preparar a nossa inteligência também.

Dogma

Pela nossa inteligência é que ficamos sabendo o que nos ensinam. Portanto, para comungar bem, é preciso que a nossa inteligência tenha um conhecimento exato do que é o S. S. Sacramento: *A Eucaristia é o Sacramento que contém Nosso Senhor*



Deus e Homem verdadeiro, de baixo das aparências do Pão e do Vinho.

A Hostia antes da consagração é o Pão de trigo; depois de consagrada pelo padre, é Jesus.

Quem não souber isto exatamente, não pode comungar, porque não tem o conhecimento da verdade eucarística.

A pureza da alma consiste na ausência de pecado.

Quem está em pecado não pode receber N. Senhor. Precisa primeiro confessar-se a um padre para dele receber o perdão de Deus.

Por este modo, isto é, pelo Sacramento da Penitência, Deus perdôa todos os pecados, exigin-



do, entretanto, uma condição, que é o arrependimento.

O arrependimento também se chama contrição.

Deus, por intermédio do sacerdote, perdôa os pecados e para satisfazer a justiça de Deus manda-nos fazer sempre uma penitência.

Portanto, para uma pessoa fazer uma boa comunhão, são necessárias três disposições refe-

rentes à alma: 1.º) Saber o que vai receber; 2.º) estar livre de pecado; 3.º) amar a Nosso Senhor.

Quanto às disposições do corpo, é preciso estar em Jejum desde a meia noite até à hora de comungar e estar decentemente vestido.

Oração

Jesus! dai-me a graça de comungar dignamente.

17.ª LIÇÃO

Necessidade de adornar a alma para Jesus

Narrativa evangelica

No ano decimo-quinto do governo de Tiberio, João, filho de

Zacarias, percorreu toda a região do Jordão, pregando a penitência. Ele dizia: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas; todo vale será cheio, todas as montanhas e colinas, niveladas; o torto ficará direito, os caminhos asperos serão aplainados". (São Lucas. C. III).

Estas palavras ditas pelo Precursor se aplicam perfeitamente a vocês. Se o povo esperava o

Messias no tempo de São João Batista, vocês também agora esperam esse mesmo Senhor Jesus, que é chamado o "Cordeiro de Deus".

Moral

As colinas de que fala São João representam o orgulho e a vaidade que devemos arrancar do nosso coração.

Encher os vales e endireitar os caminhos quer dizer que é preciso corrigir tudo que há de mau no nosso genio, isto é, a desobediência, a impureza, a mentira, as implicancias com os companheiros, as faltas de caridade, a preguiça, os furtos, a inveja etc.

Para fazer uma boa comunhão não basta rezar. É preciso que santifiquemos cada um dos nossos atos na intenção de agradar a Nosso Senhor.

Esforcem-se durante este tempo por praticar diariamente pequeninos atos bons que servirão para embelezar a lama de vocês.

Pratica piedosa

Pensem em Nosso Senhor na Hostia Consagrada e preparem com todo o carinho o coração para Ele.

18.ª LIÇÃO

A Fé.

Dogma

No momento em que a criança é batizada, apaga-se de sua alma a mancha do pecado original, e Deus então põe na alma do novo cristão três dons que o devem acompanhar a vida toda. Um desses dons permanece na alma até mesmo por toda a eterni-



dade. Sem esses dons não é possível a salvação.

Por isso, temos obrigação não só de conservá-los com cuidado, mas ainda de fazer com que a eles aumentem e embelezem a nossa alma.

São como 3 flores que Jesus deseja encontrar sempre no coração dos cristãos.

A primeira chama-se Fé.

A Igreja catolica ensina a verdadeira fé

A Fé é o dom de Deus, pelo qual acreditamos tudo o que Deus nos ensina por intermédio de sua Igreja. Nem todas essas verdades podem ser compreendidas pela nossa inteligência porque são superiores a ela: são os misterios.

Os principais misterios de nossa religião são: Santíssima Trindade, Incarnação, Paixão e Morte de Jesus e a Eucaristia.

Quando comungarmos, nosso coração será também um presepe. . .

Aprendamos hoje, para lhe dizermos, nesse momento feliz, o Ato de fé.

19.ª LIÇÃO

A Esperança

O segundo dom que Deus nos põe na alma no dia do batismo é a Esperança. Sem a esperança, não teríamos estímulo para trabalhar bem nesta Terra para ganhar o Céu.

Pela esperança é que confiamos alcançar a vida eterna, lançando mão dos auxílios que Deus nos dá para isso.



Como fortalecer a fé

A nossa fé se fortalece pelo estudo do catecismo e pela convivência com Jesus na Eucaristia. *Sem a verdadeira fé não é possível alcançar o Céu.*

A medida que nos adiantamos no estudo de catecismo, estudando mais detalhadamente a vida de Jesus havemos de imitar com especial cuidado as pessoas que tiveram uma fé viva em Jesus, como a Cananéia, como o cego de Jericó, como S. Pedro. Hoje basta que relembremos o exemplo dos pastores que acreditaram na palavra dos Anjos e foram, presurosos, adorar Jesus no presepe de Belém.



Jesus, como já sabemos, viveu e morreu para nos salvar. Confiou todos os milagres que fizera nos 33 anos que passou na Terra, ressuscitando, glorioso, no 3.º dia depois de sua morte.

Dogma da ressurreição de Jesus

A sua ressurreição é a garantia da nossa esperança!

A esperança aumenta à medida que conhecemos a vida de Jesus, sua misericórdia e sua fidelidade às promessas.

Com a esperança podemos atravessar serenamente todas as dificuldades da vida! Aprendamos hoje o ato de Esperança.

20.ª LIÇÃO

A Caridade

Evangelho

Aquelle que me ama guarda meus mandamentos, e meu pai o

Neste ultimo discurso, Jesus se refere uma porção de vezes ao dom do amor.

Amor é o mesmo que caridade; é a virtude que nos faz gostar tanto de Deus que por Ele seremos capazes de todos os sacrificios.

Quem ama a Deus segue o que Ele ordena e, portanto, trata bem ao proximo para agradar a Jesus.

No céu a alma não precisa mais da Fé, porque verá a Deus; não precisa mais de Esperança, porque já terá alcançado os seus desejos; continuará só o vicejar na alma a caridade— o melhor dom de Deus.

A quem ama verdadeiramente Jesus antecipa a felicidade do Céu porque promete claramente que habitará nessa alma.

Avivemos sempre na alma o desejo de comungar

Pela Eucaristia Jesus realiza essa promessa!



amará, e viveremos a êle e nele faremos a nossa habitação. (São João)

Estas palavras são de N. Senhor; foram pronunciadas nos momentos de convívio que Jesus teve com seus discípulos depois da Ceia milagrosa.

O! minhas crianças, ofereçam com toda sinceridade o coração a Deus para que Ele, a fonte única do Puro Amor faça no coração de vós a sua moradia.

Alma pura! berço predileto de Jesus . . .

Principais orações do cristão

O sinal da Cruz

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

Padre Nosso

Padre Nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome; venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje; perdoai as nossas dividas, assim como nos perdoamos aos nossos devedores; não nos deixeis cair em tentação, mas livrei-nos do mal. Amen.



Ave Maria

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bemdita sois

Vós entre as mulheres, e bemdito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amen.

Credo

Creio em Deus Padre, Todo poderoso, Criador do Céu e da terra; e em Jesus Christo, um só seu Filho, Nosso Senhor, o qual foi concebido por obra e graça do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem; padeceu sob o poder de Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos, ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; subiu aos Céus; está sentado a mão direita de Deus Padre Todo Poderoso; d'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos; creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Catolica; na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amen.

Confissão

Eu, pecador, me confesso a Deus Todo Poderoso, á bemaventurada sempre Virgem Maria, ao bemaventurado S. Miguel Arcanjo, ao bemaventurado S. João Baptista, aos Santos Apostolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos e a vós Padre, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha maxima culpa.

Portanto, peço e rogo á bemaventurada sempre Virgem Maria, ao bemaventurado S. Miguel Arcanjo, ao bemaventurado S. João Baptista, aos Santos Apostolos São Pedro e São Paulo e a todos os santos e a vós Padre, que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor. Amen.

Os Sacramentos são 7:

- 1 — Batismo
- 2 — Confirmação ou crisma
- 3 — Eucaristia
- 4 — Penitencia ou confissão
- 5 — Extrema-unção
- 6 — Ordem
- 7 — Matrimónio.

AUTORIDADE

Comumente se ouve dizer que o principio de autoridade se vai enfraquecendo cada vez mais. Não há hoje aquele respeito de outróra, eis o que notam certas pessoas. Uma onda de indisciplina parece querer avassalar o mundo, afirmam alguns com pessimismo, descrentes do futuro da humanidade. Há evidente exagero em tudo isso, bastando para comprová-lo um conhecimento geral da historia.

E' que a autoridade nasceu inimiga da liberdade. Reconhecia ela apenas a obediencia passiva. E assim o mundo se dividia em duas classes: dominadores e dominados. A consequencia eram as revoltas permanentes, as lutas e as guerras, muitissimo mais frequentes do que hoje. Mulheres, rapazes, crianças, pobres e escravos formavam, sob diversas modalidades, a grande classe dos dominados.

Isso tudo representa historia de ontem, neste nosso país, onde, faz menos de meio seculo, existia a escravidão dos negros e por toda a parte se fazia obediencia a poder de castigos fisicos. Nas escolas, se tal nome elas merecem, o regimen era o mais ferrenho possivel. Conheci um professor, que quasi sempre começava a aula com uma descarga de bôlos.

Nestas condições, é natural que o professorado, em parte, não possa compreender os tempos novos. A sua autoridade era servida pela obediencia

passiva dos alunos. Ela estava habituada a essa servente prestimosa e solícita, que vivia encolhida de pavor. Aprende ou apanha, era a fórmula mágica da autoridade escolar.

Desta sorte, tal autoridade tornou-se forte diante do medo da classe. Em si mesma não era forte, pois que com pequeno esforço satisfazia o trabalho de ensinar. Por isso não precisava o mestre de depender energia, que se transmutou em violência. Dentro da arbitrariedade, êle efetuava a tarefa diária como bem lhe aprazia, verdadeiro tiranete dentro da escola.

A liberdade, porém, cresceu apesar de tudo. Agora ela está rivalizando com a autoridade. Não quer mais ser a criada, e sim a colaboradora desta. Aceita sem dúvida a disciplina provinda da regência da classe, mas nem sempre já suporta a camuflagem do mestre. Daí, a meu ver, os casos de indisciplina escolar, creados pela negligência ou pelo autoritarismo do professor.

Desde que haja interesse consciencioso deste pelo trabalho da escola, preparando-o e desenvolvendo-o, sem displicência ou sem preguiça, estabelecer-se-á a disciplina entre os alunos, cuja atividade natural será assim inteligentemente aplicada. Cumpre que o professor não crie na escola a classe dos *sem trabalho*, com a qual virá a indisciplina correspondente á desconsideração do mestre pelos seus próprios deveres.

A hierarquia, no regimen democratico em que nos achamos, não reside mais no cargo, porém no modo de exercê-lo. O *magister dixit* está substi-

tuido, pôde-se dizer, pelo mestre que colabora com a classe. Destarte, o trabalho professoral se elevou, ao contrario do que parece. Democratizou-se com a cooperação da classe. Por isso mesmo, mais do que outróra o mestre precisa hoje de estudar, sujeito que está o seu ensino á apreciação dos alunos.

O professor funciona tambem como juiz no julgamento das provas da classe. Se esse trabalho não é feito conscienciosamente, mal sabe êle quanto sofrerá o prestígio de seu cargo. Faltar-lhe-á na aula a força moral necessaria e ficará sujeito a recriações justas dos escolares.

Mas, eu acredito que o professor é, em geral, cumpridor de seus deveres. Êle sabe fazer-se respeitado dos alunos pelo seu valor pessoal, pela solicitude com que dirige e controla o trabalho didatico. Neste caso, os alunos reconhecem a autoridade do mestre e a escola funciona em completa ordem.

Surge agora um problema: basta que o aluno reconheça e respeite a autoridade do professor para, quando êle se tornar cidadão, reconhecer e respeitar qualquer outra autoridade?

O aluno ficará compreendendo, na estrutura da vida social e politica, o principio de autoridade como essencial á organização do país no que concerne á ordem e ao progresso da nacionalidade? Em resumo, transformar-se-á êle em colaborador da ordem e do progresso?

"Sendo a educação obra de autoridade, tanto quanto de liberdade", como havemos de conciliar esses dois principios na mente do aluno? A meu juízo, releva ao professor torná-los objetivos na escola

para depois fazê-los subjetivos em cada aluno. E' mister que a classe toda e cada aluno de per si venham a apropriar-se da liberdade e da autoridade, fazendo-as residir em seu fôro intimo como indispensaveis ao bom uso da vida.

Se o professor não respeitar a personalidade do aluno, não atender ás diferenças individuais, não colocar-se acima do personalismo para evitar qualquer imposição de suas idéas e crenças, por certo ser-lhe-á impossivel concorrer para que o aluno seja livre e ao mesmo tempo senhor de si mesmo. A escola não é lugar de proselitismo. Ai deve reinar inteira espontaneidade. "Só a liberdade do menino, diz Ferrière, permite a educação para a liberdade, porque só ela permite conhecer o menino verdadeiramente, sondar seus instintos e tendencias, nutrilos, canalizá-los, ensinar a sublimação deles, fazer que a escola seja a oficina, onde, interesse e esforço espontaneos estreitamente associados, o menino realize sua aprendizagem pela vida e para a vida".

O mal da autoridade está no autoritarismo. Ela quer marcar limites á liberdade, mas não consente que esta lhe marque limites. Contrapõe aos direitos do professor os deveres do aluno. Autoridade e liberdade devem hoje pertencer a um e a outro. E' a época do dominio de si mesmo, do autodominio. Irmanemos as duas para o bem da humanidade. Chegou o tempo de "cada um ser senhor de si mesmo para melhor servir os outros"...

FIRMINO COSTA

OVIDIO DECROLY E SUA OBRA

Foi Ovidio Decroly um amigo da criança em toda a plenitude.

O grande sabio deixou de existir para se entronizar no panteon dos benfeitores da especie humana, deixando após si uma vida que se perpetuará como um fôco de luz a clarear os recantos e segredos da psicologia educacional e apontando os verdadeiros metodos do desenvolvimento util do homem.

A obra de Decroly é toda de humanidade. Ele não foi simplesmente um mestre insigne da pedagogia. Seu maravilhoso apostolado nasceu da piedade pela condição lastimosa das crianças anormais falhas de percepção e de faculdades indispensaveis ás lutas da existencia, pobres creaturas apáticas, para as quais a nossa simpatia quasi sempre termina mais ou menos em um olhar de comiseração.

Para estes começou êle sua vida de sabio pedagogo. Amou a criança no seu infortunio, e com as forças do seu grande coração, devolveu-se a ela num sacerdocio constante, ardente, apaixonado.

Dedicou-se ao estudo da pedologia dos anormais, em cujo assunto fez sua escola; perscrutou os interesses deles e, na base desses interesses, inventou os metodos adequados á sua possivel educação. Instalou junto de sua residencia no lindo suburbio de Bruxellas, Ucle, o instituto destinado á cultura desse tipo de criança, para cuja obra teve a colaboração de sua esposa e filha.

O instituto para anormais mereceu-lhe o maior carinho: salas muito bem aparelhadas, possuindo uma oficina para a confecção de jogos educativos em madeira, trabalhados por uma pleiade de professoras.

Tive a ventura de ver ai a mais bela coleção desse genero de material, muito bem esculpidos e desenhados, cujos assuntos se orientavam pelos centros de interesse das crianças anormais.

Mas, numa branca manhã de inverno, quando a natureza me apresentava através das janelas envidraçadas daquele recinto iluminado pela sabedoria e do amor o quadro surpreendente de um espectáculo novo, pude sentir uma das maiores emoções de minha vida: mereci do mestre da nova

escola a honra de uma palestra longa e sentenciosa sobre a educação da infância; e tudo quanto aquele espírito de sábio consumado fez passar pelos lábios se resumia na valorização da criança pela educação científica e racional, como penhor do progresso humano. Ao proferir a palavra *Enfant*, êle se transfigurava, como o pontífice místico de uma religião nova, cujo centro é a criança.

Vê-lo-emos agora na Escola de Ermitage, instituto para normais, rodeado de um bando de crianças vivas.

Aí o ambiente satura-se de alacridade. Impossível é descrever a felicidade que nos invade a alma ao contacto daquelas expansões puríssimas da vida a desabrochar sob os cuidados de tão habeis cultores. Percebe-se a expressão do que há de mais gracioso em a natureza humana, levando-nos a crer no poder da intelligencia, e da verdade, e do amor para criar entre os homens um recanto paradisiaco. E' preciso que nossa mente se despoje de quanto é utilitarismo artificial, para sentir praticamente a sabedoria da vida no que esta possui de humanidade pura. Tal é o meio colegial da Escola de Ermitage sob a influencia de Ovidio Decroly.

Ele era uma criança no meio do alvoroço da criança-da. Almoçava com seus pequeninos amigos, que o adoravam. Encontrei-o um dia ensinando geometria a uma pequena classe. Dava a lição sobre uma mesa, á qual se juntavam as crianças, de pé. Era uma lição bem puxada. Mas êle sabia o que fazia. Há um momento de felicidade intensa nessa escola: é o da refeição. Nunca vi entre crianças tanta graça, nem tanta ousadia, mas ousadias tão repassadas de graça infantil, tão espirital, que nos fazia supor um recreio de anjos no céu, com permissão de pilheriar com o proprio Deus. Sentiamo-nos presos e enlevados nessa camaradagem, não desejando que ela findasse. Depois as crianças passavam para o parque, onde encontravam, espalhadas, cadeiras de lona, e nelas dormiam um sono, para em seguida recommear o trabalho.

A Escola de Ermitage se instalára então em uma bonita casa de campo, e ao seu redor extendia-se uma área toda gramada e sombreada de arvores frutíferas e de ornamentação. A impressão que se tem aí é a de uma casa de crianças. Quem quiser ver escolas apparatus retroceda do seu encalço, e vá procurar outras. Lá somente existe a arte da criança, o reflexo da alma da criança, unida á alma das coisas, da natureza.

De um livro de Amélie Hamaïde extráio este pequeno topico, como um ramalhete de ternura brotado do coração. A referencia é feita á escola, quando instalada, anteriormente, no centro da capital.

"Desde 1907, existe em Bruxelas, na rua de Ermitage, a dois passos da Avenue Louise, com seu duplo zimbório de soberbos castanheiros, muito perto do Parque, uma pequena escola.



Para ela os alunos entram muito crianças, dela saém crescidos e, quando bem grandes já, a ela voltam para encontrar muitas recordações e bastante felicidade.

E' a escola do Doutor Decroly. Detenhamo-nos primeiro diante da imagem que este nome representa: mas, para não susceptibilizar sua discreta modestia, seremos comedidos nas presentes linhas. As palavras ficarão muito aquem

da verdadeira beleza. De cada pagina deste livro, não se desprenderá uma homenagem áquele cuja ciencia, compreensão e amor não cessam de rivalizar aos esforços, ao entusiasmo e á arte?"

Esse instituto tem sido o centro de convergencia de educadores do mundo inteiro. Quando lá estive, havia-os da França, Russia, Espanha, Portugal, Turquia, Japão, Estados Unidos, Uruguai, Chile, embaixada do nosso país, sem saber se ainda mais.

Para os que examinaram superficialmente a pedagogia, são apontados como característicos seus os jogos educativos, os centros de interesse, a leitura pelo metodo global. Entretanto, não é este o carater mais importante deste sistema pedo-técnico. O fundo dele não tem sido penetrado e apreçado.

O excelente de sua obra como pedagogo está no conceito de unidade que a caracteriza, e que concentra todo o trabalho cultural: o tecido das lições associadas subordinando-se a centros de interesse, estes ás necessidades da vida, as quais por sua vez se prendem a um principio de razão: a vida e os processos de sua adaptação ao meio.

Não é essa adaptação da vida uma das causas finais da educação?

Mas o sentimento de unidade se estabelece em outros pontos. Vemos assim que *observação, associação e expressão* coordena todo um programa de atividades culturais, concentrando-o em torno de uma idéa central. Vemos tambem que o mesmo objeto é estudado sob três aspetos: presente, no espaço e no tempo.

Que metodo há mais admiravel para a formação do espirito?

Associação, concentração, unidade — eis os predicados mais valiosos dessa pedagogia. Ela satisfaz a um dos imperativos de nossa intelligencia, que é a ordem, o acôrdo e o centro de relações entre as coisas.

Decroly foi um sistematizador admiravel do ensino elementar. É é bem sabido que sem sistematização não existe ordem. Sistema significa conjunto doutrinal com ordem, com razões e principios. Tudo é sistema em a natureza, a grande mestra, pois a imensa variedade se conjuga a razões eternas através de leis.

Mas a sistematização pedagogica de Decroly é dinamica. Perguntando uma vez a mademoiselle Amélie Hammaide por que a Escola de Ermitage não fazia imprimir seus

jogos educativos que eram tão interessantes, respondeu que tal medida cercearia o desenvolvimento, cujo lema é evoluir. O ensino de leitura pelo metodo global varia em processos, nas varias classes que o adotam em Bruxellas. Muito mais variados são os programas de ensino. O creador dessa escola não determinou programas; deu-lhes apenas direção. Decroly manifestava sempre aos seus adeptos seu contentamento por uma nova interpretação dada ao seu sistema.

Ovidio Decroly nasceu em Renaix, a 23 de julho de 1871. Depois de um brilhante curso de medicina na Universidade de Gand, com os laureis do Concurso Universitario, êle passa a Berlim, onde trabalha principalmente com os professores Langerhaus, Mendel e Joly. Em seguida, no espaço de um ano, vem-lo em Paris trabalhando ao lado dos professores Raymond e Joffroy. Fixa, depois, residencia em Bruxellas, e aí se torna assistente do doutor Glorieux, na Policlínica.

Em 1901, êle funda o Instituto de ensino especial para retardados e anormais, elaborando para o mesmo uma pedagogia psicologica apropriada á variedade dos casos a serem tratados.

Em 1907, inaugura a "Escola para a vida e pela vida", instituto para normais, á rua *De l'Ermitage*, em Ixelles, Bruxellas, inspirando-se nas experiencias feitas no Instituto de ensino especial.

Em 1912, cabe-lhe a cadeira de professor do curso de ensino especial organizado pela provincia e ao mesmo tempo diretor da secção de psicologia da Orientação profissional. Em 1913, é nomeado professor na Escola Buls-Tempels, instituto superior de pedagogia.

Em 1914, em colaboração com um grupo de pedagogos e filantropos, funda a obra de socorro aos órfãos da guerra, o Lar dos Órfãos, e é nomeado o seu presidente. Em 1920, abre-lhe as portas a Universidade de Bruxellas, onde ensina a psicologia da criança. Em 1921, tem o encargo do curso de doutorado em higiene educativa e medico-pedagogica na Faculdade de Medicina.

Por ultimo, o dr. Decroly tornou-se tambem professor nas escolas normais de Bruxellas, medico inspetor no Ministerio da Justiça e medico principal das classes especiais da capital belga.

Faleceu em 12 de setembro do corrente ano.

JULIO DE OLIVEIRA

HIGIENE DENTARIA

Serviço de criação mais ou menos recente, pois data de 1920, compreende uma organização talvez unica em nosso país; a sua criação surgiu com a reforma do ensino primario, considerado que foi, e muito legitimamente, como um dos efficientes fatores da escola nova, compreendida segundo o melhor conceito da educação e civilização contemporaneas.

Tendo presentes as palavras que justificaram a reforma, e que dizem não "aproveitar a escola apenas á educação das crianças, senão que envolve na sua influencia educativa o meio social em que existe; e que em torno da escola e por irradiação dela, a sociedade que a rodeia, por ela tambem, embora sem o perceber, se educa a sua sombra"; tendo presente este conceito sobre a escola moderna, impugna-se, necessariamente, cercá-la de todos os elementos capazes de determinar o aperfeiçoamento fisico, moral e intelectual da criança, e, através dela, do meio social.

A assistência sanitaria, portanto, não podia ser excluída dos interesses em causa, visto como, em ultima análise, sobre a saúde é que se apoiam todos os fatores precisos para formar e desenvolver o individuo capaz, fisica, moral e intelectualmente.

Muito segura e bem orientada andou a administração agrupando entre os elementos fundamentais da escola nova este, cujos resultados — já vultosas — indicam a sua eficiencia e utilidade, justificando o conceito que lhe empresta a moderna concepção dos órgãos de instrução e educação da infancia, e que orientam a instituição da modular organização e aparelhamento da instrução em Minas, projetado e realizado segundo os conselhos da pratica, nos centros de mais adiantada civilização, foram considerados imprescindiveis os órgãos que atendessem aos interesse da vigilância e assistência sanitaria dos escolares, interesses esses

que só poderiam ser atendidos conveniente e efficientemente por departamentos especializados, integrados na trama complexa e harmonica dos órgãos constitutivos do grande aparelho educacional, visto como as organizações sanitarias que atendem á saúde publica em geral, apartadas da intimidade da escola, que envolve numerosas circunstancias e detalhes que precisam ser analisados segundo um criterio uniforme, mais adequado ao controle da atividade geral da escola; daí não poderem e nem serem aptas essas organizações a desempenhar as funções especializadas atribuidas ás instituições privativas da escola, subordinadas ao mesmo criterio, á mesma orientação, ás mesmas medidas e á mesma subordinação que controla, regula e movimento todos os órgãos que somam as suas funções, exercidas num mesmo ritmo, para realizarem a melhor atividade da escola compreendida no seu melhor sentido e na sua mais perfeita finalidade de instruir e educar.

* *
*

A organização do serviço de higiene e assistência dentaria escolar, em Minas, foi feita em moldes que permitam realizar com eficiencia uma colaboração estreita com todos os outros departamentos pertinentes á educação e instrução, quer sanitarios — os serviços medicos — quer aos pedagogicos e os de interesse social.

A organização compreende as seguintes funções: dentistas escolares, enfermeiras e assistentes especializadas.

Aos dentistas incumbe, principalmente, realizar a assistência operatoria dos escolares, e o fazem em dispensarios, devidamente aparelhados, localizados no centro urbano, ou em ambulatorios instalados nas proprias escolas.

As enfermeiras cabem funções de auxiliares das clinicas, assim como a incumbencia de fiscalizar a frequencia e cumprimento das notificações sanitarias.

As assistentes especializadas, diplomadas em odontologia, são atribuidas funções das mais proficientes, pois a sua atividade se exerce nas proprias classes; e dentre as suas

atribuições destacam-se a de inspecionar os alunos, fazer o expurgo da boca daqueles que são destinados á assistencia, realizar as pequenas operações realizaveis fóra dos ambula-

*
*
*

torios, fazer as notificações aos pais e responsaveis pelos alunos que tenham recursos para se fazerem tratar nas clinicas particulares, encaminhar ao Dispensario os que a êle são destinados.

Além desses trabalhos, a ela cabe — e esta é a sua função mais util e proficua — instruir individualmente os alunos sobre a higiene dentaria, ensinando-lhes porque devem cuidar dos dentes e como devem fazê-lo, assim como quais os males que podem resultar das molestias dentarias. Essas instruções são feitas com demonstraões praticas, para o que dispõe o serviço de material adequado.

Essa atividade da assistente é complemento e illustração das palestras que são realizadas nos auditorios em que estejam presentes os alunos e suas familias.

Presentemente, a Inspetoria Geral da Instrução, a que está imediatamente subordinada a Inspetoria de Higiene e Assistencia Dentaria Escolar, atendendo aos planos do Secretario da Educação e Saude Publica, de aperfeiçoar os serviços relativos á instrução, está promovendo a instituição de uma clinica volante, que, instalada em uma ambulancia, atenderá aos escolares das zonas suburbanas.

Faz ainda parte dos planos do serviço de Higiene e Assistencia Dentaria Escolar a organização de instituições escolares, que, movimentadas nas classes, promovam a colaboração dos proprios escolares nas atividades de ordem sanitaria do serviço; o que, nesse sentido, já se tem feito, vem demonstrando resultados grandemente efficientes.

*
*
*

Em ligeira sintese, seguem-se uma resumida descrição do funcionamento do serviço.

Diante do registro da inspecção, que é inscrita em ficha especial, circunstanciada, faz-se a matricula na clinica, se o aluno é desprovido de recursos; se, ao contrario, o aluno está em condições de se fazer tratar nas clinicas particulares, envia-se aos responsaveis uma notificação onde se assinalam as lesões encontradas e solicita-se mandar a criança ao dentista; a este se reserva espaço, na mesma ficha de notificação, para que certifique a execução do tratamento; ainda nesta mesma ficha há um espaço destinado aos pais, que nela inscreverão as razões porque não podem fazer realizar os tratamentos requeridos.

Os tratamentos executados nas clinicas são registrados nas fichas individuais dos escolares matriculados.

Quando o escolar tem alta, recebe uma ficha dividida em duas partes: numa, destinada á sua professora ou diretora, noticia-se a conclusão do tratamento e indica-se daí a quantos meses o escolar deverá voltar á clinica; noutra parte, destinada aos pais, contem conselhos de higiene.

Os serviços das clinicas são diariamente registrados em boletins individuais para cada dentista, boletins estes que são apurados semanalmente.

Os trabalhos executados nos diversos Dispensarios, no correr do ano ultimo, estão inscritos nas estatisticas que se seguem.

Estatística comparada de 1929, 1930 e 1931, nos postos de Belo-Horizonte, Juiz de Fóra, Itajubá e S. João del-Rei.

SERVIÇOS EXECUTADOS

Consultas.	35.862	32.682	13.765
Extrações.	10.484	7.704	339
Curativos.	25.879	33.074	4.260
Remoções de tartaro.	2.718	1.869	306
Abertura de abcessos.	303	76	134
Obturações.	22.633	23.288	11.565
Novos.	2.548	1.670	273
Horas.	12.387	11.961	9.345
Inspeções.	4.966	6.127	5.498

Matriculados	1.731	3.848	1.107
Altas	1.601	2.267	948
Notificações	94	558	794
Tratamento de fistulas	145	2	—
Tratamento de canais	6.928	2.536	—
Extirpações de nervos	951	313	646
Pulpetomias	668	1.088	319
Pivots	41	—	—
Expurgos	265	—	—
Conferencias	16	—	—
Tratamento de gengivite	81	—	—
Aulas de higiene	67	—	—

Os postos de S. João del-Rei e Itajubá foram instalados em 1930.

Deste confronto salientam-se observações interessantes que comprovam a eficiencia educacional do serviço.

O numero de consultas aumentou consideravelmente neste ano, sinal de se ter incrementado o interesse dos escolares pelos cuidados dos dentes.

O numero de curativos, em geral, mostra-se diminuído, o que assinala maior tolerancia dos pacientes ás realizações operatorias.

O indice relativo ás obturações cresceu sensivelmente, assinalando não só a menor frequencia de dentes inutilizaveis, ou de caries em avançada evolução, assim como da mais eficiente especialização dos operadores.

Tambem o numero de pacientes novos mostra-se aumentado em razão da melhor compreensão dos escolares sobre a utilidade dos tratamentos.

O numero representativo das remoções de tartaro mostra-se aumentado, não significando isto, porém, menor cuidado dos escolares pela higiene individual; resulta de que o serviço da assistente nos grupos compreende esse expurgo que foi feito em numerosas crianças que não frequentavam as clinicas; e até o ano de 1930 não se fazia este serviço por esta forma.

Está dentro dos planos do Secretario da Educação ampliar o serviço, instalando, no proximo ano, outros postos em diversos centros escolares do Estado.

Estatistica de 1932; serviços executados nos postos de Belo Horizonte, Juiz de Fôra, S. João del-Rei e Itajubá, nos meses de janeiro a setembro.

Consultas	19.451
Extrações	4.348
Curativos	11.252
Tratamento de canais	4.550
Extirpações de nervos	2.752
Pulpetomias	1.569
Abertura de abscessos	217
Remoções de tartaro	466
Obturações	12.077
Matriculados	2.684
Novos	1.766
Altas	201
Horas de trabalho	7.414
Inspecções	2.445
Notificações	20
Pivots	75
Curetagem	4

Da presente noticia se depreende que em Minas, na organização da Instrução Publica, encontram-se elementos que a põem em nivel de igualdade com as mais avançadas dos centros de maior civilização.

Belo Horizonte, 20 de outubro de 1932.

JOSE' ALVARES DA SILVA CAMPOS,

Inspetor de Higiene e Ass. Dentaria Escolar.

DAQUÍ E DALÍ

A liberdadde dentro do trabalho e do ideal

Preleção pelo professor Donato Eugenio da Silva (Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa).

Vinha sózinho, percorrendo a avenida desta Escola, e observava, enlevado, a beleza do conjunto dos trabalhos que se desdobram nas diversas secções.

Como sempre, a vida palpitava, no verde das folhas, no mourejar dos trabalhadores, aqui e acolá, e ainda no voejar de um ou outro passaro, de um ou outro insêto que saltitava, mostrando suas asinhas coloridas.

E meus olhos se enchiam na magestade do quadro, e eu pensava nas realizações que nêle se estavam desdobrando, para a consecução de um grande ideal: — o engrandecimento de um Estado, pela disseminação de conhecimentos sobre a Agricultura, não a das velhas praticas, mas aquela que é ditada pela experiencia de cerebros que se pusêram ao serviço da ciencia. E, assim, cheguei a este magestoso edificio.

— Muitas pessoas ha que maldizem o trabalho, a ordem, a harmonia. Lembro-me de ter ouvido, certa vez, um ilustrado senhor dizer que relevava a musica, mas não a apreciava!... No emtanto, a ordem, a harmonia e o trabalho, eu os admiro, visto como de seu conjunto magestoso surgem as belezas da existencia, o conforto, a paz de consciencia e, por que não dizê-lo? — a nossa propria felicidade.

E' que, ás vezes, se busca a felicidade, seguindo uma miragem, um sonho; outras, porém, seguindo um erro ou uma pretensão mal delineada.

A miragem é sempre enganadora, e o sonho, que vos poderei dizer do sonho? — Para os poetas, é uma delicia nêle se embalarem, quando, com suas liras, entõem madrigais estonteantes; para os musicos, o motivo de uma sinfonia; para o literato, o enredo de uma dissertação; para o militar, o anseio de brilhante carreira, em gloriosas arremetidas; para o politico, a aspiração de altas investiduras, em elevadas posições, nas quais as lisonjas, os aplausos chegam, ás vezes, sinceros, uns, interesseiros e tendenciosos, outros; para os moços, então, o sonho é mais brilhante; touca-se de côres mais vivas, de matizes mais intensos, por terem na alma a ardencia de mil cometimentos, na pujança dos ideais que a escaldam ou por verem distender-se, ante êles — o panorama ridente de toda uma existencia!

E' que, no moço, o ideal palpita, em arroubos proprios á sua idade. E' preciso, todavia, cuidado, muito cuidado, porque os sonhos são enganadores, fugazes, e a realidade, por vezes, é fria, é triste: nem sempre traz consigo o calor de um prazer!...

Disse eu que a felicidade buscam-na alguns no erro e, afirmando-o, sinto que ela é toldada pela falta de ponderação que damos aos assuntos que constituem a razão principal de nossa vida, desviando-nos das rotas retilineas do dever, do trabalho e do que é justo, dando ás palavras constitutivas de nosso ideal na vida erroneas concepções.

Para mais esclarecimentos, tenhamos em vista o vocabulo — liberdade.

Queremos ser livres, esquecendo-nos de que a liberdade absoluta não existe na natureza. E' que ela tem sido quasi sempre mal interpretada, e a razão determina que, observada a moral e respeitado o direito, ela se faça sentir entre os cidadãos, de modo que um não possa ir além do que lhe compete, no ciclo das atribuições ou prerrogativas que a sociedade lhe outorgou ou o que o respeito pessoal lhe haja determinado, para que se não conturbe sua propria dignidade.

"A liberdade do cidadão, como aqui alguém, com sabedoria, o disse, vai até onde começa a do outro".

Em varias ocasiões, corroborando o que acima referi, temos um certo, determinado desejo. Está ao nosso alcance. Somos livres e porque não o realizamos? — Dentro em nós, porém, ha juizes que velam e que nos intimam a não proseguir, visto como esse desejo, ou essa cobiça, seria talvez uma imprudencia, um mal, mesmo um crime, — uma falta da qual muitos males poderiam nos advir ou a outrem. Esses juizes são: o bom senso e a nossa consciencia.

Objetar-me-ão, outros por certo: — E aqueles individuos em que esses juizes não se fizeram sentir? Ser-lhes-á lícito usar de absoluta liberdade, em todos os seus atos?

A estes, eu responderei que de fato todos temos livre a vontade, somos livres para a pratica de todos os atos, mas, nesse caso, tambem cada um de nós será responsabilizado pelos excessos que a liberdade nos leve a cometer. Somos livres, e, por que, dando aqui um exemplo comesinho, não ousamos sair nós, pelas ruas e praças de nossas cidades? Poderíamos fazê-lo, não ha duvida nenhuma, todavia, depois, veríamos que os carcereiros nos abririam suas portas ou os hospícios nos convidariam a ali nos recolhermos, e, mais do que os carcereiros, e mais do que os hospícios, uma voz intima, dentro em nós, profligaria essa falta, esse declíse — a nossa propria dignidade moral, o nosso decoreo social!

E, se abusarmos da liberdade, vê-la-emos, depois restringida: é que ela é como o ideal: deve estar dentro das boas normas e poder ser realizada. O ideal deveria estar, para o homem, dentro da orbita de possivel realizção, porque pensarmos em conseguir condições e fatos que ultrapassem ás raias do nosso poder construtivo, é miragem, é loucura. E, todo aquêle que, em nome da liberdade, ousa ultrapassar o seu proprio direito, cede ou tarde, a verã diminuida.

Como disse, muitas vezes, somos infelizes, por não sabermos interpretar o sentido perfeito de nossas palavras e a

consequencia de nossos feitos ou realizações. Esse é um dos nossos erros.

Tomamos um ponto de partida, sem ser devidamente examinado, sem sobre elle, ás vezes, refletirmos, ponderadamente: aí a maior causa de nossos fracassos e de nossa infelicidade.

Na mocidade, então, esse fato é comum.

Vêm os arroubos, as belas idéas, os fascinantes ideais e, sem a devida ponderação, se lança ela em loucas empresas e, depois... quanto futuro desfeito; quanta magua, nos lares; quanta vida arruinada, por motivo de se não terem examinado os problemas ou resoluções que deveriam constituir a esperança dos moços, o futuro dos cidadãos e a grandeza das patrias?

Pensar — eis o que é preciso na vida, — mas pensar refletindo nos males que uma irreflexão, por vezes, possa acarretar ao moço, ao velho, á sociedade, ao país e á humanidade!

"Sem si mesmo ninguem poderá ser feliz", dizia Socrates. — Pois, procuremos ser felizes: — cumprindo o nosso dever, respeitanto o direito de nosso concidadão, amando a liberdade, mas liberdade comedida — aquela que não se disfarce em anarquia; trabalhemos e vejamos, no lourejar de carregadas mèses, o fruto de nossas boas cogitações e, então, poderemos sonhar, ter miragens, no regaço de nossa propria felicidade: — o moço, vendo florir a sua mocidade, num amor estonteante de bondade, de graça e honradez; — o velho, vendo sorrir a mocidade, no seu entusiasmo pelo despontar da vida, e após si, o trabalho realizado em bem do proprio lar, da coatividade e do progresso — finalidade aspirada por quantos têm a ventura de sentir que, de fato, se aperfeiçoaram, na honra e no labor, bendizendo a existencia.

— Moços, que me ouvis, a vida é boa, é bela! O homem é quem, ás vezes, por sua propria culpa, a torna detestavel. Saibamos todos os que subindo vamos já a alta colina da existencia, atingindo a "altitude" dos janeiros e principia-

mos já a sentir o frio e o cansaço da fatigante caminhada, resistir as dificuldades encontradas; e os que vêm de entrar na vida, cantando hinos á mocidade, esses deverão ter, na esperança de um futuro promissor, a fé sadia de, seguindo a experiencia dos velhos, sem todavia, abraçar o que mais não fôr necessario á vida contemporanea, por arcaico e retrogrado, chegarem á felicidade:

— Terem se aperfeiçoado. E como ?

— Como cidadãos dignos, trabalhadores, conscientes do grande papel, que, na vida, lhes fôr dado representar.

Tenhamos todos um ideal: — o da patria engrandecida, num mundo melhorado — civica, moral e mentalmente.

Aos que educam

E' a educação "a ação de uma alma sobre almas". E esta alma que age, que atúa, que influe sobre milhares de outras ainda puras, ainda expurgadas dos males que infelicitam a humanidade, é a do educador.

Qual não deve ser, então, a perfeição desta alma em que se miram tantas outras?...

Como um espelho, deve a alma do educador ser limpa, polida, cristalina e, se o espelho reflete a imagem dos objetos, a alma do educador deve refletir qualidades que o tornem digno da missão que a lei e a confiança publica lhe conferiram.

O mestre não pode jamais esquecer-se de que êle é um exemplo vivo para os seus alunos e que, fóra da classe, a opinião publica lhe é severa no julgamento. Ele deve ter sempre presente a idéa de que a sua vida não é somente sua, e é aí que se revelam o seu altruismo, a sua abnegação, quando êle vê em cada um dos seus alunos uma parte de sua vida, quando, pelo amor deles, sacrifica os seus desejos, sufoca as suas paixões, os seus impetos de colera e de vingança, temen-

do que a sua ação, impulsionada por um desses sentimentos, seja percebida e imitada por seus alunos.

Claro é que nem todos nascem com qualidades de educador... Mas aquele que tem o dominio de si mesmo, que é antes de tudo mestre de si proprio, tem segura a sua vitoria, elevando-se sobre todos os outros, pois conquistará, á custa do seu esforço, qualidades exigidas pela sua profissão e que não lhe eram inátas. Colherá com mais sacrificio, é verdade, os louros da vitoria, mas em compensação o seu merecimento será maior.

Cumpra, pois, áqueles que são mestres por todas as razões, *menos pelo amor á instrução*, refletir mais um pouco no sentido de melhor interpretar a ação educadora, para que possam melhor desempenhar a missão que lhes foi confiada.

Infelizmente — não é exagero dizer — os mestres, na sua grande maioria, se esquecem de que o seu trabalho não é somente ensinar e que a parte que se refere á ducação merece deles maior cuidado. Para eles a missão sublime do mestre consiste em ler, escrever e contar, e é nisto que se resume o seu trabalho durante as horas em que são *obrigados* a viver no meio de seus alunos. A formação do caráter e da conduta do aluno, que constitue a essencia do trabalho da educação, é deixada de lado como se pudesse ser feita naturalmente, ou melhor, como se aparecesse por um milagre.

E' mistér, pois, que os mestres se dediquem com mais ardor á sua missão e que, sobretudo, se esforcem para que o meio escolar seja, não um fóco de onde irradiam o odio, o rancor, a vingança, a intriga, mas um ambiente onde haja auxilio mutuo, espirito de solidariedade e cordialidade, harmonia de ações com um e unico fim — o aperfeiçoamento do aluno sob todos os pontos de vista.

Está ao alcance de qualquer um, até daqueles extranhos a esta profissão, compreender que o trabalho escolar efetuado num ambiente de paz, onde todos os sentimentos pouco dignos de um educador são transformados em devotamento, dedicação, altruismo, abnegação, tolerancia, s:ré

mais eficaz e produtivo e as lutas e dificuldades próprias do trabalho serão mais facilmente vencidas.

Onde todos trabalham irmanados pelos mesmos sentimentos, o pequenino esforço de um será aumentado, será ampliado, porque irá reunir-se aos outros esforços também empregados para o mesmo fim, em busca de um mesmo ideal.

E' da união que nasce a força.

(a.) *Rosa do Vale*.

(Transcrito do jornal "A Defesa", de Bocaiuva).

NOTAS E COMENTARIOS

Motivação de projetos entre as crianças

Dentre as inovações introduzidas na escola por educadores notáveis, o metodo de projetos figura entre as que maior atenção vêm despertando nos professores, não só por suas finalidades educativas de elevado alcance, mas ainda pela transformação que opera nos processos tradicionais de ensino e de disciplina, inspirando atividade, vida e alegria às classes, interesse e satisfação aos trabalhos.

Metodo novo entre nós, baseado em principios rigorosamente scientificos, exige, em sua applicação, não pequena dose de estudo, conhecimento

da criança, observação cuidadosa do desenvolvimento desta através das diversas fases do trabalho, paciencia e perseverança.

Daí, as dificuldades que surgem e embaraçam os professores menos experimentados.

Uma dessas dificuldades consiste na motivação e apresentação dos projetos. O ideal é que eles partam da criança, sejam propostos e planejados por elas.

Dizem, entretanto, os mais pessimistas que as crianças raramente têm planos ou sugestões a dar ou, se os tem,

nem sempre são de molde a merecer a nossa atenção.

Não assiste razão aos que assim pensam. De certo desconhecem a força interior que impele as crianças a uma atividade constante e as mantêm interessadas e ativas no trabalho escolhido a seu gosto e adoptado ao gráu de seu desenvolvimento.

Não supõem talvez que a passividade, a indiferença, a falta de iniciativa que apresentam e desolam os professores são consequencias dos proprios metodos de ensino e de disciplina que sufocavam suas tentativas de expressão, e obrigavam à quietude e ao silencio, a ouvir e a obedecer, sem consultar seus gostos e interesses, necessidades e aptidões. Além disso, toda mudança exige um periodo de adaptação, que não será longo se a mudança fôr para melhor.

Nessas condições, admite-se que os primeiros projetos sejam apresentados pela professora. Não agimos tantas vezes na vida por conselho ou por sugestão de outrem? O importante é manter interesse no trabalho ou propôr os planos com tal habilidade, que os alunos venham a julgá-los seus.

Se experimentarmos, porém, tornar as aulas mais ativas e orientar o trabalho por objectivos reais e definidos, que os alunos conheçam e por eles se

interessem, não nos surpreenderemos de, no fim de algum tempo, ver os projetos surgirem espontaneamente e as iniciativas e sugestões brotarem com fertilidade. Diversos professores o atestam, e dois exemplos que, por acaso, temos á mão, vêm ao encontro dessa afirmativa.

Trata-se de dois pequenos projetos sugeridos e realizados pelos alunos do 3.º e do 4.º ano do Grupo Escolar "Americo Leite", de Japão.

Transcrevemo-los tais como foram relatados pelos proprios alunos:

Estavamos conversando no recreio, e eu falei com algumas collegas que o nosso pateo haveria de ficar muito bonito se tivesses um jardim.

Elas concordaram todas, e Henri disse:

— Vamos pedir á d. Catarina para nos dar licença de fazer um jardim? Vamos; mas precisamos falar primeiro com a d. Cecilia.

Fomos logo tratando de agir, e uma comissão foi ao Gabinete. D. Catarina ficou muito alegre e disse até que nos ajudaria. Começamos a limpar o pateo; os meninos arranjaram 2 carrocinhas com o pessoal da estrada; capinámos a parte suja, catámos os galhos de espinhos e as pedras, e em poucos dias estava o terreno pronto. Todos trabalhavamos bem alegres e animados. Depois tivemos a idéa de medir o terreno limpo; fomos buscar a trena e resolvemos fazer os problemas sobre o assunto.

Riscámos os canteiros, e os meninos mediram o de Maria da Gloria e Mila (um, quadrado, e outro, retangular). Depois os meninos tiveram vontade de fazer um campo para jogar bola e limpavam também o pátio do recreio deves. Custou muito, porque ele é grande e tinha muitas baleiras.

Começámos a trazer as mudinhas e a plantar os canteiros. A terra é muito dura e, apesar de pormos esterco, as mudas custaram a ficar bonitinhas. Formigueiros começaram a aparecer: arranjamos um pouco de formicida e socámos os buracos.

Os nossos colegas do 3.º ano, vendo a nossa animação, também pensaram em fazer alguns canteirinhos e estão trabalhando com alegria.

Todos os dias agüamos nossos canteiros, mas ontem choveu bastante: não foi preciso.

D. Cecília nos ajuda muito. Problemas que arranjámos para resolver:

(Por um grupo de alunos)

1.º) Que área tem o terreno que preparamos para ajardinar, sabendo-se que é triangular, e que a sua altura é de 35 ms, e a sua base é igual a 25ms, 30?

2.º) O canteiro de Maria da Gloria tem a forma retangular. Seu comprimento é de 1m,42 e a largura é de 1 m.; qual a sua área?

3.º) Meu canteirinho é quadrado. Medindo um dos seus lados 1 m, qual é a sua área?

Japão, 7 Setembro de 1932. (a.) Julife Vasconcelos, 4.º ano.

(Classe da professora Cecília de Jesus Teixeira).

O nosso jardim:

Graças a Deus, o nosso jardim está bem bonitinho, e todos nós continuámos a cuidar dele com carinho e boa vontade. Os canteiros mais bonitinhos são: o do Mario, o de Maria da Gloria, o de Ilda Amaral, o de Maria Rabelo, o de Maria Concebida, o de Nemiir Silveira e o de Ilda Eloi.

Quando abre uma florzinha é uma festa! Todos corremos a vê-la com muita alegria.

Japão, 28 de Setembro de 1932 (a.) Julife de Vasconcelos — (4.º ano).

Nós pedimos á d. Antonia para fazer uma bibliotéca na sala de aula e ela deixou, logo, e nos animou muito.

Já arranjámos muitas revistas: a "Ave Maria", a "Lourdes", o "Santuário de S. Geraldo", o "Brasil Social", e outras. Gigi zela a bibliotéca e nós o ajudámos.

D. Antonia trouxe-nos jornais muito bons, e a diretora nos deu um volume de cada livro do arquivo do Grupo. Pedimos alguns livros a pessoas daqui, mas, por enquanto, não responderam.

Todos os sabados lemos meia hora.

Colocámos os livros numa estante que os coleguinhas do 4.º ano nos ofereceram, e cobrimo-la com uma cortina de chitão.

Japão, 2 de Setembro de 1932. (a.) Maria da Conceição Divino, 3.º ano — (Classe da professora Antonia Flôres de Assis).

—
Sem querermos analisar todos os valores e possibilidades educativas dessas atividades.

que a professora, de certo, aproveitou, alguns ressaltam claramente: a espontaneidade e a iniciativa dos alunos; o habito de solucionar dificuldades como as provenientes do aparecimento de formigueiros, da dureza do terreno, etc.; o trabalho em cooperação; a correlação das matérias de estudo, a emulação despertada em outra classe e,

sobretudo, o interesse pelo trabalho.

Tudo isso é animador e demonstra que da criança muito se pode esperar, desde que saibamos compreendê-la, guiá-la e amá-la; respeitá-la a personalidade e dar-lhe liberdade de pensar e agir, indagar, procurar e descobrir.

A. F.

O ensino da Historia

Javert de SOUZA LIMA

Procurando desenvolver no espirito dos alunos o senso critico, ora prendendo a sua atençaõ nos fatos da ordem politica, economica e religiosa, que, mais decisivamente, contribuíram para o progresso da humanidade, ora chamando a sua colaboração em trabalhos escolares, o ensino da Historia, em nossos programas do curso secundario, vai, felizmente, se orientando no verdadeiro sentido determinado pela sua importancia e pelos modernos processos de investigação científica.

De nada valerá, sem duvida, para a formação mental do aluno a serie infundavel de datas e de batalhas, com que, numa visão acanhada do fenomeno historico, se extenuava a sua memoria.

Qual o interesse em saber-se que o "Tratado de Cimón foi celebrado, precisamente, em 449?

O que se exige é o que se requer é que o estudante nessa disciplina, adquira um punhado de observações, com a nitidez e a precisão capazes de lhe darem a conhecer a interdependencia dos varios fatores economicos, politicos, intelectuais, juridicos e religiosos, que influem na marcha ascendencial de um povo, ao mesmo

tempo que, devidamente, lhe mostrem os laços de solidariedade que ligam os diversos países, atravez de uma aspiração comum de equilibrio, da paz e de justiça.

Daí a alta significação dessa materia, que cresce de dia para dia, é medida que a filosofia da historia se vai transformando e se afirmando numa esplendida realidade.

Entre os gregos e os romanos, onde dominava a maior preocupação da formação de oradores, que pudessem, nos concios realizados em praças publicas, como na Agóra de Atenas, conduzir as multidões pela palavra e pelo conselho, a historia era então sómente uma narração entusiastica e com preocupação literaria dos principais feitos militares ou politicos.

E', assim, que a historia da Grecia se constituiu, digamo-lo sem exagorio, numa brilhante constelação de oradores: Demosthenes, Eschynes, Milcíades, Alcibiades, Pericles.

Foi talvez, por isso mesmo, que a Helade é considerada a berço das instituições democraticas.

As "Historias" de Herodoto sobre a guerra dos gregos contra os persas, desde Cyro até á batalha de Mycala, confirmando a verdade do que se dis-

se, oferecem um tal colorido de imagem e beleza de expressão, que fizeram Dionysio de Halicarnaso aproximadamente dos poemas de Homero. Xenophonte, que nos descreveu a *Retirada dos Dez Mil*, é antes a *abeletrica atica*, pelo primor, pela elegancia, e pela suavidade do seu estilo.

Em Roma, vamos encontrar Tito Livio, que, nas "*Décadas*", acompanhando a evolução do povo romano, desde a época mitológica da fundação da Cidade Eterna, até a morte de Druso, nos levou paginas de uma imaginação sublime e de uma beleza eterna, justificando, assim, o conceito de Talies de que *il fuit historien pour rester orateur*.

Nos tempos modernos, porém, depois das preciosas observações de Vico, Montesquieu, Auguste Comte, Turgot, Condorcet, Herder, o conhecimento do passado e o exame do presente se alçaram a alturas até então desconhecidas, abrindo-se largos horizontes para o estudo da filosofia da historia que, segundo uma definição justa, é o estudo sistematizado dos fatos historicos, de tal sorte dirigido que se possa, com facilidade, apreender o que esses fatos encerraram de mais geral, para daí ser deduzida uma fórmula applicavel ás diferentes épo-

cas da vida da humanidade ou, em campo mais restrito, de uma nação qualquer.

Ainda não ha muito Gustavo Le Bon, depois de mostrar a necessidade da revisão de certos acontecimentos historicos, mal compreendidos ou explicados por alguns, salientava, na sua introdução ao estudo da *Revolução Francesa e da Psicologia das Revoluções*, o papel importante reservado á psicologia moderna no melhor exame dos homens e dos movidos do seu procedimento, acrescentando: "Entre as suas descobertas, applicaveis desde já á historia, cumpre mencionar sobretudo: o conhecimento aprofundado das ações ancestrais, as leis que regem as multidões, as experiencias relativas á desagregação das personalidades, o contagio mental, a inconsciente formação das crenças, a distincção entre as diversas formas de logica".

Assim, pois, de momento para momento o campo das investigações historicas se vai dilatando e se ampliando de ensino.

do, com novos elementos e valiosas aquisições, que lhe imprimem uma vida e um vigor extraordinarios e que justificam, inteiramente, o carinho e a atenção dos modernos programas

coolismo. 9. A paz. 10. Biografias: S. Francisco, Mathilde Wrede, Beethoven, Pasteur, Pestalozzi. — B. geografia — officios. Planos, cartas; artigos de jornais; excursões escolares; as visitas de outros países; proveniencia dos objetos.

A. O "jornal"

Nunca se exageraria nem a utilidade nem o grandissimo atrativo que os jogos de lingua patria oferecem, sobretudo para o começo do ensino. Mas, desde que a criança possui suficientemente a sua lingua para se exprimir, ainda mesmo imperfeitamente, os jogos passam para o ultimo plano, para ceder lugar á redação livre. Com as nossas crianças retardadas — com todas as crianças — a escola deve ser inteiramente impregnada de vida; ela deve mergulhar na vida; todos os aspectos da vida devem interessar as nossas crianças, fazê-las estremecer de alegria ou de pesar. Então é que elas exprimem livremente o que ouviram, viram, tocaram, sentiram, viveram: "Em diversos logares, diz uma mulher, vi tais maravilhas da arte infantil, poesia, pintura, drama, dança, que fico estupefacta diante da convicção daqueles que prescrevem e impõem um curso de instrução rigida a um grupo de crianças".

E' porque eu desejava fazer a experiencia desta liberdade com crianças retardadas que abandonei, ha alguns anos, o ensino elementar para trabalhar com crianças que já haviam vencido as primeiras dificuldades da lingua. E espero que alguns excerptos, escolhidos entre muitos que poderiam ser citados, convencerão, a todos os leitores sensiveis á força dos fatos, de que vale a pena afastarmo-nos dos trilhos do ensino gramatical á velha moda para deixar que as crianças exprimam essas forças boas que nelas residem e para as quais o nosso grande Pestalozzi apelava tão encarecidamente. Muitos virão a fazer esta reflexão melancolica: "Se até com os retardados, se obtem tais riquezas de expressão, que não se obteria com as crianças normais submetidas a uma criteriosa liberdade?"

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RETARDADAS

POE ALICE DESCOEUBRES

CAPITULO XII

NA VIDA

- A. o jornal. — os direitos da ortografia. 1. Observação. 2. A experiencia. 3. A psicologia: interesse pelos bebês. 4. Gravuras. 5. Nota afetiva. 6. Cartas. 7. Vida social. 8. Al-

Como conciliar as exigências da gramática — de nossa língua tão difícil, principalmente — com a liberdade de exprimir o que a criança deseja exprimir e que, muitas vezes, excede as suas capacidades estilísticas e ortográficas? Na Dinamarca os pedagogos prestam fé ao método de redação espontânea e se contentam com deixar a criança escrever, escrever, escrever, sem intervir para corrigir-lhes os erros. A escrita dinamarquesa é, sem dúvida, mais fonética do que a nossa, menos erigida de dificuldades de toda sorte!

Como quer que seja, julguei até agora não poder confiar em semelhante licença, e prefiro dar às crianças os seus erros para serem por elas corrigidos; é geralmente em domicílio que elas copiam as palavras ortograficamente falsas, ou os erros de estilo; elas as aprendem e as recitam no dia seguinte. E' para elas um rito tão indispensável que, se partimos para uma excursão, é mistér havê-lo cumprido previamente! E pode-se avaliar o prazer com que esse trabalho se realiza, segundo as perguntas formuladas nos jornais: "Senhorinha, dê-me mais um pouco de palavras, faça o favor!" — Outras dizem oralmente o prazer que experimentam em estudar palavras sempre tomadas ao assunto que lhes interessou, em casa ou na escola. E o resultado é que muitos visitantes de nossa classe ficam impressionados com a riqueza do vocabulário dessas crianças que, contrariamente a tantas outras, só aprendem as palavras de que se servem, que fazem parte da sua experiência e da sua vida quotidiana!

Redigir é, sem dúvida alguma, um trabalho difícil: basta vêr o numero de adultos que temem este exercício, mesmo tendo passado muitos anos na escola! Dai, ao contrario, á criança o habito de redigir, senão quotidianamente — não é absolutamente necessario! — pelo menos frequentemente; vossas crianças acharão tão natural exprimir-se por escrito como oralmente! Aliás, se quereis chegar a algum resultado, cumpre que muitas praticas orais venham enriquecer a bagagem linguistica de nossos alunos, exercitá-los em manejar a linguagem, em rejeitar as nossas gírias familiares ou viciosas para adotar as mais corretas. Quanto mais falardes, mais

faccis se tornarão as composições. E por falar eu não entendo executar exercicios formais de bonita linguagem, mas ainda e sempre comungar com a vida, e a vida sob todos os seus aspétos!

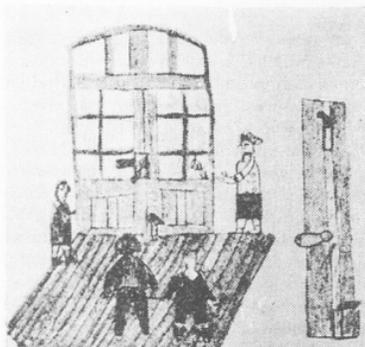
1. *Observação* — Sabe-se quanto são frequentes nas composições das crianças os "clichés", os lugares comuns, resultantes de que a criança, pobre de idéas, é reduzida a repetir as frases de outrem! Quão longe estamos desse falar convencional, com as observações que se seguem:

Sobre os *animais*, antes de tudo: "A mestra traz uma pera com formigas; pegaram-na para pô-la em cima da mesa; ela levantou as suas antenas para se dirigir". Outro dia é um gafanhoto: "Ele tem patas traseiras que são maiores... Quiseram ver se êle andava em cima do vidro, e se êle podia muito bem... Ouviam-se bicadinhas; êle tem seis patas, metade vermelha e metade verde". "No passeio viu-se um fio e lagartas que subiam: esse fio estava preso a uma folha de carvalho..." A mestra trouxe uma minhoca: esta se contraí e se espicha; e estava inteiramente escondida pela terra e depois se enovela". — "Ontem encontrei um peixinho no desembarcadouro e dei-o ao cisne, e viram-no descer-lhe pelo pescoco a dentro".

E, sobre as variações atmosfericas: "Estive nas cozinhas: viam-se arvores e depois não se viam as arvores, porque a vidraça ficara embaçada". — "De um lado, o lago estava turvo; do outro, êle estava inteiramente azul". — "Ontem, passei pelo lago; as vagas ultrapassavam de mais de 30 centímetros o paredão; não havia ali nenhum passeante", escreve um pequeno mensageiro de 13 anos, que talvez tivesse ficado no quente, a seu gosto.

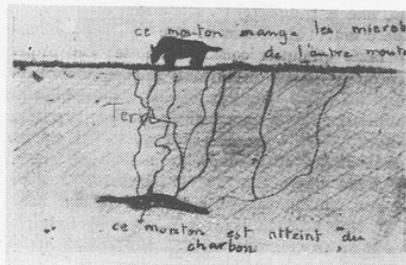
Mais de uma vez, o jornal lança uma luz bem triste na vida do seu autor: assim a mesma criança: "sabado á tarde, levanto-me e tenho apenas tempo de chegar ao canapé; e tive de buscar o pão e meu tio me disse: "Estás muito pallido, saiu de S. Jorge (o cemiterio) e domingo tive dôr de cabeça; fiquei deitado a manhã toda e comi bife e dormi". E, de outra vez: "Ontem de tarde, tive dôr de dentes; disseram-se que não

havia dentista aberto; não fôra isso e eu ali estaria um minuto depois; não me importaria pagar 10 francos; esta manhã pedi uma carta de dentista... (segue-se o desenho de uma carta da policlínica escolar). E outro: "Ontem eu tinha dor de barriga; fiquei na cama; hoje estou um pouco melhor; adormeci; não estou a meu gosto; trabalho porque quero". Trabalha-se a valer, desde cedinho: "Ontem ou estive na construção com papai; carregaram pedras, e eu, pela minha parte, preparava a areia; papai ficou até às 10 horas;... "toma-se a areia e deita-se na peneira; a miuda passa, e as pedras rolam e a gente as transporta num carrinho de mão". (11 anos). E esse pequerrucho "indesejável": "Ontem estive em casa de meu tio em Carouge (a uma boa meia legua da sua casa) e entrei e meu tio tinha dor nos rins e nas pernas e



me disse que eu precisava voltar e voltei para junto de minha mãezinha e ela me disse: "vai brincar com os teus companheiros!... Voltei às 5 horas, e olhei um livro cheio de figuras".

2. As *experiências* são muitas vezes descritas com uma exatidão perfeita: "Esta manhã, a professora nos mostrou um truque: Ela pôs a vela embaixo (da porta), e o fogo entrava na aula porque o ar frio soprava. E depois ela a pôs em cima, e ele saía porque o ar quente saía". (Magnífica ilustração, fig. IX, fig. 1). Uma criança conta a experiência dos carneiros carbunculosos de Pasteur, que contraíam o carbunculo por meio das minhocas que traziam os germens á superfície;



ela ilustra a cousa, acrescentando: "Este carneiro come os microbes do outro carneiro" (quadro IX, fig. 2). E' exáto. O mesmo rapaz, depois que pusemos tres bolas de neve iguais em tres chicaras que continham respectivamente agua quente, agua tepida e agua fria, pergunta o que aconteceria se se melesse uma bola grande na agua quente, uma meia na agua tepida e uma pequena na agua fria. Não é tambem de espirito científico que ela dá prova quando, depois de ter calculado que um avião gasta o mesmo tempo para ir de Genebra-Marselha e Genebra-Paris, via-Lião as duas vezes, sobe a uma cadeira para verificar com o centimetro nas mãos se a distancia é devéras a mesma de Lião a Paris e de Paris a Marselha?

3. Os adultos que vituperam a psicologia suspeitam até que ponto, simples crianças retardadas a compreendem?

Assim, a noção do tempo: "Esta manhã conversei com um senhor que eu conhecia; o tempo passou muito depressa". — "Choveu; houve uma tempestade; às 2 h. 1/2 fazia vento; dir-se-ia que eram 7 h. e 10" E um pequeno de 9 anos conta seus brinquedos na classe da guarda: "Tanto nos divertimos que se diria que nos divertimos um quarto de hora apenas".

Ainda psicologia (em passeio): "Havia um grande cão de S. Bernardo que se chamava Bruno: Quando recolhemos, êle latiu, e a vaqueira quis prendê-lo; mas ela disse: "Se tiveres juízo, não te prenderei!". E êle não disse mais palavra. Então êle é mais obediente do que nós, porque *quando* nos proibem fazer qualquer coisa, fazemo-la: isto impressionou bem à mestra". E eis o que mais impressionou a essa mesma criança na vida de Matilde Wrede, a amiga dos prisioneiros finlandeses: "Havia uma senhora Matilde Wrede que diz a um bandido: "Atrele o cavalo à carruagem!" E eles partiram, e o bandido disse: "E' verdade que a senhora tem muito dinheiro?" E ela disse: "Sim"; e êle lhe disse: "A senhora não sabe que sou um bandido?", e ela disse: "Sim, mas tenho confiança". Mais adiante, Matilde W. notou que êle chorava, e êle chorava de alegria por ver que M. W. tinha confiança".

O interesse pelos pequerruchos não é menos digno de nota no passeio: "Colhiam-se castanhas; havia já umas quarenta; os pequenos diziam: Eu tenho duas castanhas (empregavam *duas* por *muitas*). Outro acaba de terminar um problema: o preço de 14 biscoitos a 20 cts., e de 8 a 10 cts. Depois da restosa êle acrescenta: "E' muito difficil para os guris calcular, mas, para os grandes, é muito facil: é como se se contasse 9 e 9". Ainda outras observações: "Os guris são algumas vezes inteligentes porque reconhecem suas mães, e quando uma senhora chega perto de sua mãe e lhe pergunta: "Quer me dar o pequeno?" êle compreende e diz: "Não, não, sacudindo a cabeça". (F.) — "Os guris quando têm fome choram e a mãe lhes dá o leite; e quando os guris não querem perder-se, agarram-se aos vestidos de suas mães; e, quando vêem os outros comer, dizem *ma* e suas mães lhes dão: depois os

guris gostam de andar ao sol, então é prova de que êles são inteligentes..."

Quando eu convidi meus alunos para ficarem 4 a 5 horas — com licença de seus pais — para assistirem a experiencias em crianças (em meu curso do Instituto Rousseau) é a totalidade dos alunos que pede esse favor; e após suas seis horas de escola, assistem ao interrogatorio com uma atenção que excede algumas vezes a dos alunos adultos! Eis como se conta a coisa: "Havia crianças da escola infantil que faziam jogos...; a professora perguntou-lhes se queriam fazer um jogo, e elas disseram sim... era a menininha que sabia (melhor) por que era mais idosa... a professora lhe contou uma historia, e o menininho disse o resto, e êle era engraçadinho e, depois, no fim, mandaram-no escolher uma maçã ou uma margarida e êle tomou a margarida; e depois eles eram ambos engraçadinhos". Uma criança mais desenvolvida assim se estrêa: "Ontem a professora mandou vir 3 guris que deviam responder á professora diante do pessoal do Instituto". Ela apreendeu a intenção. Nesse mesmo curso do Instituto, aconteceu-me encarregar meus alunos de explicar um jogo aos menores, normais ou retardados: nem todos se saíram bem. Mas alguns se distinguem nisso, mais do que alunos de nivel intellectual superior. Eis aqui as observações de uma estagiaria compreensiva, a senhorinha Dujardin: "As crianças gostam de fazer papel de professor;... é o que lhes dá, parece-me, esse ar expansivo, esse bom sorriso e algumas vezes esses ares de grande personagem serio que procura a solução de um problema tão interessante: como fazer conhecer uma coisa nova a quem não a conhece?"

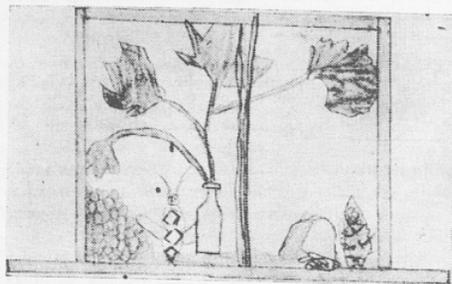
— Pelo pouco que observei, esse genero de exercicios desenvolve muitas qualidades: sob o ponto de vista intellectual: a atenção e a continuidade da atenção, o raciocínio, a logica, a clareza nas idéas; sob o ponto de vista da linguagem: a clareza da expressão, a nitidez das explicações; sob o ponto de vista do carater: a afeição para com quem é menor do que nós, a compreensão e não o desdém para aquele que não sabe, a paciencia, o bom humor..." Quantas salva-

ções a escola não poderia operar, se ela soubesse agir mais sobre essa alavanca poderosa: o atrativo da criança mais nova! E quantos pais e mães se tornariam menos incapazes de educar seus filhos se, desde tenra idade, no decurso dos estudos destes, se lhes pusesse ante os olhos e o coração o problema educativo — sob a forma de casos inteiramente concretos, bem entendido!

Emquanto estamos no capítulo crianças, é interessante mandar cada criança contar a sua própria história, evidentemente documentando-nos primeiro nelas próprias. Sob o ponto de vista prático, é também indicado consagrar uma caderneta para notar todas as informações uteis na vida quotidiana.

4. Não raro os nossos pequenos escritores recorrem a *imagens*: Quando se pôs o termómetro na água quente, êle subia até a 50 graus, dir-se-ia que êle sobe as escadas!". E da mesma criança (13 anos), a proposito da descrição de um lago: "Dir-se-ia que ha um tapete de gaivotas ou de galinhas d'agua!" — "A tartaruga tinha uma carapaça; debaixo, ela é agarrada como um salame..." — "O automobilista voltou á loja; êle tinha quebrado a vitrina, e o guarda veiu para apañhá-lo em contravenção, mas êle partiu como um esquilo!" — "A mestra tem uma aranha e ás vezes esta fingia-se morta, mas a mestra a pegou, e ela se fingia viva de novo..." Sob um bocal, a vela apaga-se "porque ela *almossou* todo o ar". Um menino contempla o *terrarium*: "Esta manhã a mestra trouxe uma abelha, um zangão, sapateiros. O zangão suga a pera, e a abelha brinca de "aqui está" com o *sapatheiro* e o *bizorro* (besouro) fica bem quieto... E que dizer desta descrição de um batizado? "Domingo, estive na igreja, cantaram, o pastor nos contou uma história, e tivemos de partir. Eu fiquei, porque havia um bebê para se batizar, e o pastor pôs uma grande vestimenta de padre e fez a oração, falou um boadinho, e depois o ajudante lhe trouxe uma cafeteira e um prato; o pastor tomou agua nas suas mãos, deramou-a na cara do bebê; ao mesmo tempo êle disse: "Nome do filho, do *espírito santo*". E' a mesma menininha que trá

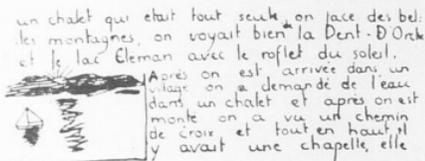
as suas tendencias elevadas por estas palavras (narrando uma excursão): "*Poude-se* brincar um pouco, depois *tivemos* que comer".



Uma das crianças tem a especialidade de apostrofar os seus interlocutores, escrevendo o seu diário: ela conta uma cena de banhos: "Eu atravessava na agua, justamente no ponto em que me via pronta para me banhar" (com illustração em apoio) — Paulo desenhou um bonito desenho; olhai-o! sabeis tambem que aquilo (o seu proprio desenho) não está bom..." — a mestra recebeu uma carta: uma classe nos paga uma viagem, e para nos pagar essa viagem, êles se privam de manteiga e de sobremesa. Julgais que eles são amáveis?"

5. Algumas vezes a *nota afetiva* se faz sentir: "Minha tia recomendou-me muito que eu ficasse quieta; então eu, eu tinha, para me distrair, que vigiar um cão; quando eu me abaixava o cachorrinho pulava nos meus ombros; então êle me olhava com um olho doce". — "Chegamos ao jardim do Fernando; depois nos levaram a uma estufa: "Oh! como era bonito! Havia muitos ciclomens, begonias, bulbosas e azaléas—" (Algum tempo antes ella havia transposto o meu portão, exclamando "Oh! todas estas flores, como é bonito!". — "A gente viu a ilha de S. Pedro, onde havia J. J. Rousseau. Elle estava sózinho no meio das flores". — "Havia bonitas rosas: era pre-

ciso admirá-las... Chegamos a um castelo inteiramente só, defronte das belas montanhas... vimos um pobre menino que



era magro; então o wattmann disse: "Não tenhas medo, na montanha, estarás bem e hão de curar-te!... (Em Lugano) "uma oliveira que deixava cair os seus ramos na água: "era lindo!".

Explorei igualmente a *imaginação* e o *senso estético* dos meus alunos, tocando para eles alguns trechos de Mozart e mandando-lhes escrever em que isto os fazia pensar. Em geral o caráter alegre ou triste do trecho foi reconhecido. Uma surpresa foi um taludo menino de 14 anos, muito retardado, cujos sentimentos poéticos se manifestaram nessa ocasião: "Isto faz pensar quando domingo de tarde, quando lá em casa tudo está quieto, não ha senão os grandes (peço a explicação)... os pequenos estão já deitados". Depois: "Isto faz pensar, no outono, quando eu guardo as vacas de tarde". (Isto é escrito no inverno).

6. *Cartas*. — Conhece-se a negação não só de muitas crianças, mas de seus irmãos mais velhos para escrever uma carta — que não seja uma simples carta de negócios.

Alberto Schweitzer conta que tinha o cuidado, quando lhe acontecia fazer um presente a uma criança, de recomendar que não a obrigassem a agradecer, porque esse incomodo contrabalançaria todo o prazer do presente. Assim não se dá com as crianças habituadas a redigir frequentemente; muito pelo contrario: convidai-as a escrever uma carta a quem quer que seja, e encontrareis muitas delas dispostas a fazê-lo: as mais das vezes são elas proprias que se propõem escrever a

tal ou tal pessoa! Escreve-se primeiro entre camaradas. Eis aqui uma carta a uma companheira pelo seu aniversário: "Minha cara A., Ai vai ainda um desenho e 2 ou 3 palavras, que você pense sempre em mim se não nos vemos mais. Querem sempre amar-nos e ser gentis até ao fim. Lembrança de sua amiguinha que muito a ama". (M., filha de pai tuberculoso e de mãe alienada, de língua alemã, asocial na sua entrada para a classe). Agradece-se a camaradas que nos convidaram com sacrificio da sua comida: "Recebemos sua carta que nos deu extremo prazer e a agradecemos a Você todos juntamente e de todo o nosso coração e espero que meu patrão me deixará ir; e para que isto custe menos caro, a gente podia sair antes, os grandes, Você viriam buscar-nos?.. A uma camarada encontrada precisamente á hora de uma excursão, faz-se a descrição de sua classe: "Eu quero contar a V. o que ha na classe: ha bonitos "abatjours", que meus camaradas fizeram; temos, cada uma, uma jarriinha de flores, duas belas estatuas, dous anjinhos de pedra; temos um bonito quadro: o retrato do sr. Pasteur, um homem muito celebre; temos um terrarium; temos pelas cartas de geografia; uma senhora nos trouxe uma tira de pano, com camelos pintados: é uma senhora da Palestina; temos tambem um bonito piano; algumas vezes a mestra nos deixa tocar; temos tambem muitas outras imagens; ha tambem todos os meses na parede uma imagem para cada mês; ha tambem um quadrado (—quadro de Pestalozzi... uma casinha para os passarinhos... Espero que isso interessará a V.". Escreve-se aos camaradas doentes, para os informar. Um menino de 10 anos responde a crianças suissas alemãs: "Agradeço a V. pelos desenhos. Agora quero contar a V. de Genebra (Ele se interrompe e me pergunta: Senhorinha, como se deve fazer? Eu queria dizer alguma cousa ao mestre. Ora, essa! diga-lhe: senhor!) Sr., fazer as crianças mostrar na carta se encontram uma igreja. Se elas a acharam, digei-lhes que é a catedral de S. Pedro e vereis na carta o monumento de J. J. Rousseau que fez muitos livros..." (O joven pedagogo se compenetrrou desta verdade — que o que a gente encontrou por si

mesma fica melhor do que o que foi simplesmente enunciado de fóra!).

Depois da nossa passagem por Berna, onde outra classe especial nos reservara um acolhimento fraternal, muitas cartas foram trocadas: "Caro Arthur. A gente voltaram bem para casa. Eu estava aborrecido de te deixar em Berna, mas talvez a gente se tornará a ver...". Depois uma segunda carta ao mesmo "... Agradecido pela sua gentil carta. Eu estive em Thonon; você não sabe onde é, mas isto não importa; indo, eu vi belas montanhas. Ontem se viu o cortejo da festa dos figurinos; em primeiro lugar viram-se cavalos e homens em cima; e depois, vimos Guilherme Tell e seu filho; suponho que contaram a historia; depois, atrás de um carro onde senhoras valaisianas nos mostraram seus pernezes (sic) e elas gritaram *iou* ou *ou*. Afetos, L."

(*Continúa*)

NOTICIARIO

Instituto Historico e Geografico Brasileiro

Bases e programa

Da Assembléa inaugural do Instituto Panamericano de Geografia e Historia a realizar-se no Rio de Janeiro em dezembro de 1932, conforme resolução aprovada na Assembléa Preliminar do mesmo Instituto em setembro de 1929.

Bases

1. — A Assembléa será constituída pelos delegados ou representantes de cada um dos Estados americanos (artigo 3.º, dos Estatutos).

2. — A Assembléa compreenderá as seguintes secções: I — Topografia, Cartografia e Geode-

sia, Geomorfologia; II — Geografia humana e Etnografia, Geografia historica, Geografia biologica, Geografia economica; III — Pre-historia, Historia pre-colombiana e Arqueologia, Historia da época colonial; IV — Historia da emancipação das nações americanas, Historia da época independente (artigo 10, dos Estatutos).

3. — Nenhum assunto estranho ao programa organizado pela Commissão Executiva poderá ser tomado em consideração, (artigo 13, dos Estatutos).

4. — Serão linguas oficiais da Assembléa a portuguesa, a espanhola, a inglesa e a francesa (Resolução X da 6.ª Conferencia Internacional Americana).

5.ª — As resoluções sobre assuntos científicos serão tomadas por maioria de votos dos delegados presentes e as de caráter administrativo por maioria de delegações (artigo 14, dos Estatutos).

6.ª — Efetuar-se-ão na seguinte ordem os trabalhos da Assembléa: 26 de dezembro — Sessão preparatoria para instalação da Mesa Diretora, das Secções e da Commissão de Estatutos e de Finanças (artigo 20) e recebimento de teses e relatórios a serem distribuidos ás secções.

27 de dezembro — Sessão solene de abertura, no salão de conferencias do Ministerio das Relações Exteriores. Discurso do Presidente e leitura do Relatório do Diretor. Alocação de um delegado de cada país.

28 e 29 de dezembro -- Reuniões das Secções. Apresentação e discussão de pareceres. Eleição dos presidentes, vice-presidentes e secretarios das Secções para o proximo trienio (artigo 15). Reunião da Commissão de Estatutos e de Finanças.

30 de dezembro — Sessão plena. Discussão e votação de pareceres. Revisão dos Estatutos. Orçamentos. Fixação da data e lugar da proxima Assembléa. Eleição da Diretoria (artigos 1, 2, 4, e 18).

1.ª de janeiro — Sessão solene de encerramento no salão do Instituto Historico e Geografico Brasileiro. Discursos do presidente e de um dos delegados escolhidos por seus pares.

7.ª — Visitas:

28 de dezembro — Ao Chefe do Governo e aos Ministros da Educação e das Relações Exteriores.

29 de dezembro — Ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro de Sociedade de Geografia, ao Museu Historico e ao Arquivo Nacional

30 de dezembro — Ao Museu Nacional, á Biblioteca Nacional

ao Instituto Geografico Militar

1.ª de janeiro — Aos monumentos da cidade.

8.ª — Passeios, etc.

Passeio ao Pão de Açúcar e ao Corcovado Passeio na Baía de Guanabara.

Recepção no Palacio Itamarati Banquete.

Excursão a Ouro Preto, Lagôa Santo e Gruta de Maquiné.

Programa organizado pela Commissão Executiva do Instituto Panamericano de Geografia e de Historia.

I — Relatório do diretor do Instituto sobre os trabalhos efetuados de setembro de 1929 a novembro de 1932.

II — Necessidade de executar trabalhos de Gravimetria em toda a America, dada a relação encontrada entre as anomalias negativas da gravidade e as regiões sísmicas e vulcanicas. Publicação n. 5, do diretor do Instituto.

III — Conveniencia do estudo do vulcanismo na America para elucidação das teorias modernas da insostasia. Publicação n. 4, do diretor do Instituto.

IV — Estudos arqueologicos da America:

Estudo do Lic. Afonso, Caso sobre os trabalhos de Monte Alban, Mexico.

Estudo de Eng. José Reygadas Vertiz, chefe do Departamento de Arqueologia da Secretaria da Educação Publica do Mexico sobre arqueologia azteca (pirâmide de Tenauca).

Outros trabalhos de igual natureza acerca da America, apresentados pelos delegados.

V — Estudos historico-sociais da America:

Trabalho do Lic. André Molina Enriquez, arqueologo da Secretaria de Educação Publica do Mexico.

Outros trabalhos da mesma natureza concernentes à America, apresentados pelos delegados.

VI — Trabalhos de cartografia da America:

Apresentação da carta da Republica de Honduras.

Outros trabalhos do mesmo genero relativos à America.

VII — Discussão sobre as resoluções e recomendações aprovadas na Assembléa Preliminar do Instituto, realizada no Mexico em setembro de 1929, com o fim de as pôr em execução ou as modificar.

VIII — Estudo das resoluções aprovadas na 6.ª Conferencia de Havana, com o objetivo de indicar o modo de lhes dar cumprimento, principalmente à 6.ª e à 7.ª, dessa resolução de interesse transcendental para a vida do Instituto.

IX — Revisão de alguns artigos dos Estatutos aprovados na

Assembléa Preliminar do Mexico, artigos cuja redação deva ser modificada, dado o pequeno numero de países que ratificaram sua adesão ao Instituto.

X — Leitura e discussão dos trabalhos de carater historico ou geografico apresentados pelos delegados dos Estados americanos.

Trabalho historico-geografico do sr. Roberto Andrade.

XI — Eleição da nova comissão Executiva e discussão dos orçamentos para realização dos trabalhos que forem autorizados pela Assembléa, atendendo-se aos recursos economicos com que se deva contar".

Instituto Historico e Geografico Brasileiro, em 22 de junho de 1932. — Pela Comissão, (a) *Manoel Cicero*, presidente; (a) *L. Pereira Ferraz*, secretario.

A organização dos clubes literarios

Conferencia do dr. Mario Casassanta, no Gremio Litero-social "Leopoldo Pereira".

Em sessão do dia 10 do corrente, no *Gremio Litero-social Leopoldo Pereira*, com a presença do prof. Firmino Costa, director da Escola Normal, varios professores do mesmo estabelecimento e grande numero de socios, o dr. Mario Casassanta realizou uma conferencia acerca da organização dos clubes em geral e, notadamente, dos clubes literarios, tema que lhe fôra designado.

Começou por assinalar que as associações desse genero, com o proposito de estudar a lingua e a litteratura do país, são muito conhecidas, entre nós, como entre todos os povos. Já as escolas gregas e romanas as possuíam. Entretanto, oferecem va-

rios defeitos, que as tornam inefficientes e desinteressantes, senão mortas de começo. Tais defeitos são: a multiplicitade de objetivos, a inexactidão do programa de actividades, a falta de interesses reais, a falta de cooperação da parte dos professores e, sobretudo, a falta de participação da parte da maioria dos alunos.

As associações escolares devem obedecer, em sua organização, a um conjunto de regras. Se não as attendem desaparecerão em breve. Estão entre essas regras: que se baseiem em interesses reais dos estudantes; que tenham um proposito determinado; e não muitos propositos; que consigam espaço, no horario escolar, e se efe-

ctuem dentro do estabelecimento; que tenham o reconhecimento oficial da parte da autoridade escolar; que tenham organização propria, com as suas insignias, hinos, gritos e cores caracteristicas.

Por outro lado, para lhes darem a sua chance e admitirem entre as instituições das escolas, devem as autoridades considerar se se justifica a fundação de tais associações, se ha salas disponiveis, se os propositos valem a pena, se se respeitam as condições de uma organização democratica, se os programas são realizaveis e se há um professor disponivel que as possa guiar.

Passando a considerar, a luz de tais principios, as associações literarias, o orador estudou os valores que se lhes apontam comumente: desenvolvimento da linguagem oral, dominio de si, equilibrio, vocabulario, novos meios de expressão, aproveitamento e desenvolvimento de interesses.

Especificou os varios tipos de clubes, assinalando os seus defeitos bem

como os meios de os afastar; frisou a necessidade de os programas reproduzirem as particularidades, os interesses, os problemas e as exigencias da vida escolar; assinalou as principais actividades, como contos e poemas originaes, as dramatizações, os debates, as biografias, os discursos, as leituras, as exposições de factos e acontecimentos extraordinarios ou quotidianos, etc.

Enfim, assinalou o dr. Mario Casassanta, as associações escolares não podem ter por objecto a exhibição de artistas, musicos, poetas ou oradores; constituem uma função escolar, através da qual os alunos aprendem e se desenvolvem, como em qualquer outra. Para esse fim, obedecendo ao espirito democratico que deve presidir à organização delas, as associações têm que oferecer igualdade de oportunidade para todos os seus membros. São condenaveis, por isso, as associações de grande numero de socios, as que oferecem poucas sessões no ano letivo e as que ficam a cargo exclusivo de um numero reduzido de socios.

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Avisos

Escolas Normais

Conferencias das professores — Palestras dos alunos

As palestras e conferencias que os alunos e os professores das Escolas Normais devem fazer, na fórma regulamentar, obedecerão aos preceitos estabelecidos nos arts. 54 a 56 do Regulamento do Ensino Normal (R. E. N.).

Para maior eficiencia dessas realizações, convirá que os senhores directores e professores, com a participação dos alunos interessados, estabeleçam um criterio para escolha dos temas que servirão de assunto, tendo em vista a

oportunidade dos mesmos, a documentação que os possa illustrar, tanto quanto possível, colhida em nosso proprio meio e fruto de nossa experiencia; as fontes de informações que possam melhorar instruir sobre a materia e desenvolver-la, a maneira de apresentar o assunto; a attitude do conferencista ou do palestrante, as discussões a que possa dar ensejo a palestra ou a conferencia; os proveltos de applicação immediata que cada um possa oferecer, o relacionamento indispensavel do assunto com a realidade de nossa vida escolar.

Assim, não são recomendaveis as que versem assunto puramente teorico, fóra da nossa realidade e das preocupações do trabalho da escola; as fórmulas dogmaticas de exposição doutrinarria, as

repetições servis das idéas de outrem, sem o competente trabalho de análise e apreciação pessoal, e as puras exibições de erudição.

Os planos de trabalho que os diretores devem organizar e submeter á aprovação desta Inspeção, devendo servir para um mês ou um trimestre, não devem ser muito rígidos e nem comportar minúcias de detalhes. Traçados em linhas gerais, hão de ter elasticidade bastante para permittir as alterações que a pratica fór aconselhando.

Não somente os planos, mas também as notícias dessas realizações, os seus resultados e os seus efeitos, as iniciativas e experiências que tiverem motivo deverão ser trazidos ao conhecimento da Inspeção, visto como a administração tem grande empenho na execução dessa parte do Regulamento e acompanhará com interesse as realizações em apreço.

Belo-Horizonte, 11 — 10 — 1932.

Inspector geral da Instrução.

REVISTA DO ENSINO

REDAÇÃO:

Diretor: Inspector Geral da Instrução.
Redatores: Membros do Conselho Técnico da Secretaria da Educação.

EXPEDIENTE:

A "Revista do Ensino" publica-se quinzenalmente.

ASSIGNATURAS:

Anual	20\$000.
Semestral	10\$000.
Numero avulso	1\$000

Toda correspondência destinada á "Revista do Ensino" deve ser enviado á sua redação

Inspeção Geral da Instrução
Secretaria da Educação
Belo-Horizonte

NOSSA EXPERIENCIA

Excursão

Quando falava ás professoras que deviam sair com os alunos, fazer excursões, dar-lhes atividades que os satisfizessem, respondiam-me logo: — "Isto não, os meninos daqui são muito insubordinados, não temos coragem de sair com eles na rua". Algumas, mais animadas, iam até o Jardim Municipal que fica a poucos passos do grupo ou a uma esquina mostrar uma rua e mais nada. Só queriam ficar fechadas na sala, alunos presos ás cartei-

ras, para que assim se disciplinassem.

Insistia no ponto, tocava sempre na mesma tecla, mostrava-lhes que as excursões com um objetivo e plano traçados pelos alunos só poderiam interessá-los e que estando interessados haviam de proceder bem. Mostrava-lhes porque as nossas primeiras excursões falhavam. Eram realizadas sem um fim. Os alunos saíam do grupo, formados 2 a 2, sem saber onde iam e o que iam

fazer; desta situação desagradável vinha a insubordinação. Apontava-lhes os valores de uma excursão: Os alunos terão oportunidade para fazer exercicios de lingua patria e aritmetica. Ganharão novas experiencias e boas maneiras sociais. A observação se desenvolverá. Poderão colleger alguns especimenes para o museu. O instinto migratorio das crianças será satisfeito, assim como a sua tendencia á atividade fisica.

Depois de muito malhar no mesmo ponto surgiu no 4.º ano motivo para uma excursão. Foi sugerida pelos alunos, planejada por eles e a sua realização foi coroada com os melhores resultados, conforme diz a professora no relatório que junto a este. Basta dizer que as crianças, ao voltarem ao grupo, vermelhas do sol, mas entusiasmadas com o que fizeram, chegaram a mim e disseram: — "aprendemos mais do que si estudassemos, 3 horas aqui na biblioteca", para mostrar a eficiencia da atividade realizada que, embora fosse a primeira, bastou para fazer desaparecer o receio que se tinha de sair com os alunos do grupo.

Contaram-me tudo que aprenderam sobre a Alemanha (o fim da excursão era colher informações com um alemão, sobre esse país), falando com muito interesse e vivacidade, empregando termos estranhos ao seu vocabulário — gas asfixiante, mecanica, subterraneo, barbaro, etc., com muito acerto e naturalidade. Durante 45 minutos, estiveram a me

contar as novas experiencias adquiridas, registrando-as depois nos livros de informações.

Trouxeram tambem algumas pedras, (o alemão reside fóra da cidade) painas, frutos silvestres para o museu; os quais foram classificados por eles.

Na reunião de quinta-feira, os resultados desta primeira excursão, tracada dentro de novos moldes, foram comunicados ás professoras, sendo que algumas tomarara outra atitude para com esta atividade, já tendo sido realizado outras e coroadas de bom exito. Assim vou procurando vencer os obstaculos que encontro nos diversos pontos do nosso trabalho, notando-se que não é facil a vitoria e nem completa, mas já me satisfaz um pouco. — *Maria Angelica de Castro*, Professora Técnica do Grupo Escolar "Amancio Bernardes", Santo Antonio do Monte.

Plano da excursão á usina (4.º ano)

Objetivos: Colher informações sobre a Alemanha, adquirir conhecimentos de geografia e ciencias naturais; aprender a tomar notas; desenvolver a observação, o interesse pela natureza, a linguagem oral e escrita, o espirito de cooperação, de ordem e as boas maneiras sociais; satisfazer o instinto migratorio dos alunos; trazer algum material para o museu escolar.

Motivação: Estando os alunos estudando a Alemanha, foram á biblioteca, afim de colher infor-

mações. Na hora do comentário sobre a leitura, alguns alunos disseram que haviam lido que o algodão é um dos produtos daquele país. A professora técnica, d. Maria de Castro, estando presente, disse-lhes: "Acho que vocês estão enganados, que a Alemanha não produz algodão, como dizem as geografias, mas para que tenhamos a certeza, seria bom perguntarmos a alguma pessoa".

Propuzeram logo mandar saber do sr. Wily que é um alemão, residente na usina, a uma legua de distancia da cidade. O Miguel, que mora perto, ficou encarregado de lho perguntar. No dia seguinte, como ele não havia trazido a resposta, por não haver se encontrado com o alemão, surgiu a idéa de se fazer a excursão, que foi aprovada com grande interesse pela classe.

Alguns alunos, encarando a excursão como um passeio, quizeram que ela se realizasse no dia imediato.

Fizemos-lhe compreender a impossibilidade, visto não sabermos se o alemão estaria disposto a nos receber e não termos pensado no que iam fazer.

Novamente o Miguel se ofereceu para perguntar-lhe se podiamos ir à sua casa, pedir informações sobre a Alemanha e, no dia seguinte, foi com grande prazer que ouviram a resposta afirmativa.

Como estavam muito interessados quizeram fazer o plano. Discutimos então em classe, o dia, a hora e o lugar em que devíamos

nos reunir, a hora da partida, a merenda, o que devia ser e como devia ser organizada, o que iam fazer, as perguntas, o caminho a seguir, e, em seguida os alunos dirigidos por mim, fizeram o plano no quadro, o qual ficou assim organizado:

Plano da excursão á usina

Dia: Terça-feira, 23 de agosto.

Reunião: ás 6,30 no Grupo.

Saída: ás 7 horas.

O que vamos fazer: saber alguma cousa sobre a Alemanha.

Perguntas: Se na Alemanha existe algodão; a principal industria; o comercio da Alemanha; se a instrução está adiantada; o caráter do povo alemão e os seus costumes; qual é o presidente da Alemanha; se a arte está desenvolvida; as vias de comunicação; alguma noticia sobre a guerra; se há vulcões na Alemanha; se lá há animais ferozes; as principais produções, os rios navegáveis.

Caminho: Pela estrada de automoveis.

Levar lapis e caderno para tomar notas.

No dia 23, realizou-se a excursão de acôrdo com este plano. Todos se interessaram vivamente pelas explicações do sr. Wily, ouviram com muita atenção e tomaram muitas notas.

Depois de perguntar tudo que haviam escrito no plano, fomos assentar nas pedras perto da cachoeira, onde merendamos.

Visitamos, em seguida, a usina de electricidade cujo maquinismo

é um produto da industria alemã e depois de despedirmos e agradecermos aos donos da casa, puzemo-nos a caminho.

Todos estavam alegres e diziam haver aprendido mais do que se houvessem estudado em muitos livros da biblioteca.

Trouxeram tambem algum material para o museu escolar, como: pedras, folhas, frutos, cera de abelha, etc.

Os alunos se portaram muito bem durante o passeio, mostraram-se muito camaradas uns dos outros, sendo desnecessario chamar-lhes a atenção.

Já haviam terminado as aulas do 1.º turno, quando chegamos ao Grupo e alguns alunos ainda queriam contar á d. Maria o que haviam aprendido.

No dia seguinte, foi com grande interesse que lhe repetiram o que ouviram. Falaram com muita ordem, durante 45 minutos.

Como alguns ainda quizessem falar, ela lhes pediu que colecionassem as notas que haviam to-

mado, as quais seriam escritas no caderno de informações.

Muitos alunos se ofereceram, tendo um grupo se encarregado deste trabalho e outro de escrever uma carta de agradecimentos ao sr. Wily.

Terminando este trabalho, foie que estando interessados haviam trazido para o museu. Julgadas as cartas, foi escolhida a seguinte:

Exmo sr.

Em nome dos meus colegas do 4.º ano, escrevo-lhe esta, agradecendo ao senhor por ter mostrado tão boa vontade de nos ensinar.

Ficamos muito alegres, porque aprendemos muito e fomos muito bem recebidos. Não sabemos como podemos lhe agradecer. Quando precisar de nós, estaremos ás ordens.

Mais uma vez nós lhe agradecemos.

Acelte os respeitosos cumprimentos dos alunos do 4.º ano.

(a.) *Allamiro de Aquino*

Grupo Escolar "Amancio Bernardes", (a.) *Olga Ferreira.*

As cartas das crianças

E' hoje muito comum aparecer nos jornaisinhos escolares e até mesmo em outros, cartas que as crianças enviam ás pessoas de sua amizade e ás que lhes inspiram confiança e simpatia.

E' tambem comum, infelizmente, ficarem essas cartas sem res-

posta. Isso causa, como é natural, um profundo aborrecimento aos pequenos missivistas.

Quando as crianças se servem da escrita para transmitirem a alguém os seus pensamentos, põem nesse trabalho toda a sua alma. Têm elas algum fim em vista, fa-

zer uma comunicação, um convite, fazer um pedido. E quando esse pedido encerra uma consulta para um fim qualquer, a procura de uma informação, por exemplo, é de ver-se a ansiedade com que a criança espera a resposta. E o prazer com que a recebe, se esta lhe vem, e o interesse com que lê a carta e às vezes a relê! E a satisfação de perceber que foi compreendida e atendida, faz crescer no espírito infantil a admiração pela pessoa que atendeu o seu apêlo.

Infelizmente, nem sempre, raras vezes mesmo, é dado à criança gosar essa satisfação, isto é, ter o prazer de receber respostas de suas cartinhas.

O assunto destas linhas ditou-o a queixa que ouvi de um aluno á

sua professora. Era o caso de uma cartinha, que o pequeno, por sugestão da professora, enviara a um senhor, pedindo-lhe informações sobre assunto de certa especialidade. Lastimava êle a falta de resposta e queixava-se da desatenção do destinatario. Por mais que a professora procurasse dissuadi-lo e animá-lo a escrever de novo, mantinha-se firme o pequeno, no proposito de não o fazer.

—
Talvez no dia em que a escola estiver mais ligada á sociedade, no dia em que todos se interessarem mais pelo trabalho escolar, nesse dia, talvez, as lindas cartinhas das crianças passem a merecer a atenção dos seus destinatarios.

Maria da Gloria Guimarães

Origem: Doação

Preço: